

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL/UAB
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA/UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
PÓLO DE BARRETOS - SP

EDUCAÇÃO FÍSICA E VIOLÊNCIA:
VIOLÊNCIA E BULLYNG NAS AULAD DE EDUCAÇÃO
FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE
CASO

ALEXANDRA DÓRIS ROCHA

BARRETOS
2012

EDUCAÇÃO FÍSICA E VIOLÊNCIA:
VIOLÊNCIA E BULLYNG NAS AULAD DE EDUCAÇÃO
FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE
CASO

ALEXANDRA DÓRIS ROCHA

Trabalho Monográfico apresentado como requisito final para aprovação na disciplina Trabalho de Curso II do Curso de Licenciatura em Educação Física do Programa UAB da Universidade de Brasília – Polo – Barretos - SP.

Orientador:

BARRETOS/SP

2012

TERMO DE APROVAÇÃO

Alexandra Dóris Rocha

EDUCAÇÃO FÍSICA E VIOLÊNCIA: VIOLÊNCIA E BULLYNG NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE CASO

Monografia defendida no Curso de Licenciatura em Educação Física do Programa Universidade Aberta do Brasil pela Universidade Federal de Brasília, para a obtenção do título de Graduação, aprovada em de de, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

-Presidente da Banca-

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a meus filhos Taliane do Carmo e Breno Eduardo, pois foi o grande amor que tenho por eles que me deu forças para reiniciar uma nova etapa em minha vida, eles foram minha âncora na trajetória de um sonho que até então havia ficado para trás.

Obrigada meus filhos!

Alexandra Doris Rocha

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos mestres que por mim passaram, principalmente na pessoa de Geusiane Miranda, uma vez que me mostrou o exemplo de profissional que eu quero ser. Só quem ama o que faz se disponibiliza a dar aulas no ensino à distância sem almejar seus próprios êxitos e deixando seus entes queridos para se dedicar totalmente a nós, depois de uma jornada exaustiva diária de trabalho. Compromisso com a dedicação ajudando a reconhecer nosso curso perante a Unb- UaB. Agradeço também aos meus colegas de turma com os quais foi possível fazer desta jornada mais um momento de conquistas.

“A violência destrói o que ela pretende defender: a dignidade da vida, a liberdade do ser humano”

(Papa João Paulo II)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo caracterizar os diversos tipos de violência em que o ambiente escolar e a criança estão expostos nos dias de hoje, fato este que é de suma relevância, uma vez que os direitos da criança estão sendo violados dentro e fora da escola. Vale salientar que, este trabalho de conclusão de curso tem o objetivo de avaliar o papel do educador frente ao bullying na classe. Tem a meta de constatar se os educadores pesquisados previnem e combatem o bullying na classe e ao mesmo tempo se seus atos perante os discentes podem ou não acarretar situações propícias ao método de bullying. Para tanto buscamos apresentar conceitos sobre a violência, o bullying, sobre o papel que a família, escola e sociedade representam. Deste modo foram coletados dados de diversos autores, dados empíricos e um levantamento teórico acerca da problemática, além de um estudo de caso que será tratado através de observações e questionários.

Palavras-chave: Bullying; Violência; Educação Física; papel da escola e do professor para minimizar o bullying.

ABSTRACT

This study aims to characterize the various types of violence in the school environment and children are exposed to these days, a fact that is of paramount importance, since children's rights are being violated in and out of school. It is worth mentioning that this course conclusion work aims to evaluate the role of the teacher in front of the bullying class. Is the goal to see if the educators surveyed prevent and combat bullying in class and at the same time if their acts before the students may or may not lead to situations conducive to the method of bullying. Therefore we present concepts about violence, bullying, about the role that family, school and society represent. Thus, data were collected from various authors, empirical data and a theoretical survey about the problem, and a case study that will be addressed through observations and questionnaires.

Keywords: Bullying; Violence; Physical Education; role of the school and the teacher to minimize the bullying.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DA LITERATURA	14
2.1 A violência na contemporaneidade: busca de uma definição	14
3 BULLYING: DEFINIÇÕES E SINTOMAS	18
3.1 O bullying dentro das aulas de educação física	20
4 OS DIREITOS HUMANOS: PROTEÇÃO DAS CRIANÇAS.....	25
5 O PAPEL DA ESCOLA PARA MINIMIZAR AS AGRESSÕES DE BULLYNG.....	28
5.1 O papel do professor frente ao bullying no ambiente escolar	31
6 SOCIEDADE E O SEU PAPEL	34
7 METODOLOGIA	37
7.1 Estudo de caso: educação física e violência: bullying nas aulas de educação física no ensino fundamental	43
8 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	46
8.1 Apresentação das respostas dos professores entrevistados	46
8.2 Apresentação das respostas dos alunos	51
CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS	61
ANEXOS	67
ANEXO A QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS PROFESSORES.....	68
ANEXO B QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS ALUNOS	70

1 INTRODUÇÃO

A violência nas escolas tem tomado proporções extremas, e na medida em que são constatadas numa sociedade que podemos titular de desigual, aumenta também a preocupação por parte dos educadores e instituições o que representa um desafio no processo educacional.

Diversos são os fatores que podem desencadear a violência, contudo este é um fenômeno social global. Isto se dá em vista de muitas discussões e interpretações de novas definições legais sobre a educação, Falamos aqui da Constituição Federal de 1988, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 e O Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990.

A Constituição de 1980 doutrina a criança como sujeito de direito, legaliza e define que os pais, a sociedade e o poder público têm que respeitar e garantir os direitos das crianças definidos no artigo 227 que diz:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda a forma de negligência, discriminação, exploração, violência e opressão.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, lei federal nº 8.069/1990 (ECA) explicita muito bem cada um dos direitos da criança e do adolescente bem como os princípios norteadores às políticas de atendimento. Determina a criação dos Conselhos da Criança e do Adolescente e dos Conselhos Tutelares.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB, regulamenta em seu artigo 21/1 da educação básica, e que tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (art.29).

Entendemos que as creches, pré-escolas e escolas de ensino fundamental e médio, têm uma função de complementar e não de substituir a família como na maioria das vezes é entendido. Juntas, família, escola e comunidade poderão oferecer o que a criança necessita para o seu pleno desenvolvimento e para a sua felicidade.

Com essas leis que acabamos de citar avançaram também o empenho teórico científico para a elucidação dos conceitos e da prática pedagógica, às ações técnicas administrativas com investimentos públicos e as da sociedade civil organizada.

Por outro lado, a mídia também tem grande influência sobre esta temática, pela qual através dela podemos constatar diversos casos de abusos de poder (violência verbal) ou até mesmo a violência doméstica, o que já faz com que o aluno traga de casa uma carga negativa de agressividade. Em outras palavras, a comunicação promovida pela mídia, é de grande penetração no cotidiano social e pode assumir crescente relevância na construção da consciência dos indivíduos.

Pode-se fazer da disciplina na escola um instrumento de controle e repressão aos alunos "indisciplinados". Pensa-se na disciplina como uma resposta à "indisciplina" e à violência dos alunos, como controle dos "alunos problema". Nesta forma de enfrentá-la, não passará de uma necessidade para disciplinar, terá uma função corretiva, normativa e por vezes, repressiva. A pedagogia se tornou um pouco mais humana, não usa palmatória, mas ainda reprime e até expulsa.

Perrenoud (2000) afirma que:

“Os abusos que vêm logo à mente chamam-se brutalidade ou pedofilia. Sem desconsiderar tais fenômenos, menos raros do que se poderia crer, é importante não esquecer os “pequenos abusos de poder”, os “pequenos deslizes”. Palavras ofensivas, ingerência indevida no trabalho pessoal, perguntas indiscretas, julgamento global sobre uma pessoa ou sua família, prognóstico de reprovação, punições coletivas são violências menores. Não é assim tão grave, talvez se diga, em comparação com os sádicos e os doentes que dependem da máquina judiciária. No entanto, as violências cotidianas no exercício banal do ofício deveriam preocupar-nos” (p. 151-2).

Autoritarismo é o abuso da autoridade, com o objetivo de dominar o outro. É uma deturpação da autoridade, pois o poder decisório é centralizado em uma pessoa, e sua vontade é imposta sobre o grupo. A excessiva centralização dá margem a arbitrariedades e, como o autoritário não sabe escutar, a ausência de diálogo favorece a ocorrência de injustiças e abusos e com eles a violência.

O principal erro da escola é pensar que existe um único tipo de disciplina e que ela pode ser imposta. Disciplina é um trabalho de todos em sala de aula. Em uma aula expositiva, enquanto o professor fala ou escreve, os alunos devem ficar quietos, prestar atenção e/ou copiar. Acontece que temos muitas propostas

pedagógicas. Cada cultura escolar e cada atividade em sala de aula tem uma disciplina adequada a seu desenvolvimento.

Pensar em educação hoje, do ponto de vista democrático, é pensá-la na perspectiva de construir uma sociedade capaz de assegurar direitos sociais, políticos, econômicos e culturais a todos os brasileiros e brasileiras. É garantir que as diferenças de classe, raça/etnias, etárias, de gênero e sexualidade não signifiquem processos de legitimação de hierarquias sociais e exclusão; cada vez é maior o número de professores que trata a disciplina da escola não como um instrumento corretivo, mas como uma tarefa pedagógica. Muitas escolas e muitos educadores tentam um trato pedagógico da disciplina da escola. Não seria esta a melhor maneira de enfrentá-la? Como avançar nesta direção?

Minha preocupação se dá a partir de como a violência ocorre nas aulas de educação física no ensino fundamental ciclo dois, entre os meninos e meninas, e como o professor lida com tais situações, já que, todo ser humano carrega consigo uma carga do senso comum. Podemos reeducar, é só olhar e ver a disciplina como inerente a toda ação educativa, como componente da condição de educadores. Será necessário lembrar que não é possível nenhum processo educativo sem uma "disciplina" estimulante da criatividade, da liberdade, da curiosidade, do gosto, do aprender e de ser? Uma disciplina própria de um trabalho coletivo.

O fim da violência acontece quando crianças e adolescentes são ouvidos, conhecem o objetivo de cada atividade e negociam a melhor maneira de atingi-los. A melhor saída para manter a ordem é a negociação de objetivos e regras com os estudantes, que vão aos poucos aprendendo a ter disciplina e se respeitarem mutuamente.

Professores e professoras que tenham uma visão autoritária, disciplinar, poderão pensar que está se reforçando seu autoritarismo. Não é verdade. Fala-se em reeducar o olhar. Um olhar e uma postura de educadores e não de "disciplinários".

Este será o foco deste trabalho entender, equacionar e pensar a disciplina da escola como aquele clima necessário a uma ação educativa, ao trabalho coletivo de adultos educadores e de crianças e adolescentes educandos, visando minimizar a violência.

Nesse momento entende-se que as crenças passam a ser vistas condicionadas ao contexto em que o sujeito está inserido, e é assim que pretendemos analisar e realizar nosso trabalho, ou seja, é imprescindível avaliar o que o ser humano considera e interpreta diante de suas experiências e crenças a respeito do tema em questão. Portanto, é considerável que os conceitos e crenças que a sociedade manifesta sobre violência, sejam expostos em nosso trabalho, a fim de identificarmos as diferentes interpretações em diferentes contextos.

Tais manifestações são relatadas a partir de estudos bibliográficos, pois nosso trabalho não apresenta características de pesquisa de campo. As conclusões obtidas, não nos leva a uma solução para o fim da violência escolar, mas nos mostra as diferentes interpretações que ajudam a entender e nos adaptarmos as circunstâncias.

Outra implicação refere-se à necessidade dos professores e da instituição, de estarem preparados para lidar com as diversidades das crenças, pois diversos serão os conflitos e diversas podem ser as maneiras de agir perante os mesmos.

Considerando que a problemática da indisciplina e da violência é um assunto de suma importância para professores, pais e instituições de ensino, uma vez que acarreta grandes debates e discussões, também se busca demonstrar o quanto é importante a um professor manter a disciplina em sala de aula, evitando a violência, através da motivação do aluno, de atividades estimulantes, sem autoritarismo, mas com democracia e respeito, levando o aluno a uma formação de cidadania, adquirindo não somente conhecimentos de conceitos, mas também de como enfrentar a vida fora dos muros da escola, em busca de uma profissão.

O tema foi escolhido, por acreditar que a escola pode ser um espaço problematizador das diferenças e desigualdades e que as formas de sentimentos como raiva, ira, revolta e discriminação são geradas no meio em que vivem, e como não poderiam ser diferentes as aulas de educação físicas estão sujeitas a ser palco de tais situações. Enfatizamos assim, que a socialização é uma das formas de nos integrarmos à sociedade adquirindo valores, normas de conduta, costumes e nos tornando sujeito social e histórico.

A partir daí, o objetivo deste trabalho é o de levantar a questão principal de uma realidade da Educação Física, vinculada ao ambiente escolar, sendo que o foco

será a Educação Física e o fenômeno violência, buscando fontes teóricas, tentando fazer uma conexão com a realidade.

Quanto aos objetivos específicos, o presente estudo tem por fim:

- Apresentar a violência na contemporaneidade buscando a sua definição;
- Fazer uma leitura sobre a definição e sintomas do bullying e analisar como ocorre nas aulas de educação física;
- Explicar a função dos direitos humanos, com foco em proteger as crianças;
- Delinear o papel da escola para reduzir as agressões de bullying, avaliando a obrigação da escola frente ao bullying no ambiente escolar;
- Analisar o papel da sociedade contra o bullying.

Este estudo, será estruturado da seguinte maneira:

O capítulo um tem por finalidade fazer um resumo sucinto da introdução, incluindo informações sobre o problema, os objetivos e a justificativa da pesquisa em foco.

No capítulo dois será apresentado à abordagem da violência na contemporaneidade, buscando as definições sobre esse assunto.

O capítulo três aponta as definições e os sintomas do bullying, além de apresentar as ocorrências do bullying dentro das aulas de educação física.

No capítulo quatro, a pesquisa tem o propósito de relatar, os direitos humanos e a proteção das crianças.

Já no capítulo cinco a pretensão é demonstrar o papel da escola, para reduzir as agressões do bullying no ambiente escolar, analisando o papel do professor frente ao bullying no ambiente escolar.

O capítulo seis tem a intenção de demonstrar o papel da sociedade, frente aos comportamento dos alunos que praticam o bullying na escola.

A seção sete inclui, a metodologia e o estudo de caso nas aulas de Educação Física, numa escola pública de Ensino Fundamental, no município de Barretos, Estado de São Paulo.

No capítulo oito, finalizando este trabalho, relata a análise e discussões dos resultados, por meio da entrevista realizada com os educadores e alunos, com a meta em descobrir os motivos e buscar soluções para eliminar o bullying na escola pesquisada.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A violência na contemporaneidade: busca de uma definição

Para iniciarmos as discussões sobre o tema proposto, é necessário buscarmos definições para a palavra violência, pois como seria falar dela se não obtemos com clareza o significado ou o seu conceito. Para tanto, nos empreendemos na busca de conceitos de renomados autores como também nos dicionários.

Para o psicanalista Jurandir Freire Costa, segundo a visão de Arrieta (2000, p. 18), a violência é o termo empregado para designar a série de ações intencionais que se distinguem pelo uso da força, em ocasiões de conflito, violação as leis que tem em vista o bem comum e dominação da crueldade acerca da solidariedade no convívio humano.

Sabemos que, desde suas origens, a escola favorece modelos institucionalizados de violência, implícitos em métodos autoritários de disciplina e “ensino”, muitas vezes recorrendo até mesmo a castigos físicos ou psicológicos. Todas as mudanças revolucionárias vivida pela educação ao longo do tempo e que trouxeram.

No contexto atual:

Faz-se necessário pensar sobre os fatores geradores e os impactos derivados da violência presente na escola. É pertinente que continuem sendo analisadas aquelas práticas violentas inerentes à própria instituição e seus métodos, assim como é inevitável que a escola e todos aqueles envolvidos com a educação reflitam e apresentem alternativas para lidar com as manifestações de violência que parecem, a cada dia, se agravarem. (VALLE e MATTOS, 2011, p. 36).

A história nos mostra que atos de violência sempre fizeram parte da trajetória do homem, sendo que a psicologia e a sociologia a consideraram como resultado da busca de uma vida nas grandes metrópoles, com oportunidades sociais e melhoria na condição de vida, contudo, podemos reconhecer que hoje em dia até no âmbito rural existem casos de violência, assim como nas pequenas cidades.

É preciso ressaltar que a violência e poder:

Não tem a mesma função, já eu um tem o papel de dominar de forma completa o outro está ausente. A violência surge assim que o poder encontra-se em perigo, porém, se a possibilita acompanhar seus próprios caminhos, resultando no sumiço do poder. Neste aspecto, não implica ter um pensamento contrário a violência considerando como processo oposto a não violência; sendo que é necessário comentar no poder não violento é difusão. A violência é capaz de destruir o poder, embora seja incapaz de criá-lo (ARENDETT, 1973, p. 132).

A violência pode ter sentidos diferentes na imaginação das pessoas, isto porque a vemos ora pelo lado da vítima ora pelo lado do agressor. No entanto, num sentido geral, pode-se entender por violência tudo o que não é desejado pelo outro e que é imposta por força simbólica ou concreta.

Valle e Mattos (2011, p. 38-39) asseguram que os trotes escolares, praticados, sobretudo quando do ingresso em cursos superiores, a aprovação em vestibulares ou em concursos, são marcados, de há muito tempo, pela prática de violências, flagelação, humilhação e até mortes. Atribui-se a origem dos trotes escolares aos ritos de passagem utilizados em quase todas as culturas, como marcos de mudança de uma fase a outra na vida comunitária e tornar públicos os novos papéis sociais a serem assumidos. O problema é estabelecer os limites entre uma prática cultural salutar e seu desdobramento em escárnio, sadismo e violência, como temos visto anunciar com frequência e, muitas vezes, com aceitação coletiva.

Mesmo assim, não existe ainda um consenso da palavra, o conceito da palavra varia de família para família ou de pessoa para pessoa.

Spósito (1998) explica que a violência é toda conduta que implica a ruptura de um nexos social pela utilização da força, porém, com o intento em salientar a importância de diversificar a violência de agressividade.

Segundo o Dicionário Houaiss:

A violência é a ação ou resultante do processo ao violentar, ou seja, a pessoa usa a força física contra alguém ou algo) isto é, para intimidar a moral contra certa pessoa, por meio de atos violento, seguidos da crueldade, força". Estabelece o aspecto jurídico, o mesmo dicionário conceitua a expressão realizadas para constranger fazendo com que a mesma se submeter-se à vontade de outrem; repressão. (CASTILHO, 2012).

A palavra violência em nosso entender, não deve se limitar ao que se compreende como crimes, mas todo o efeito que provocam sobre as pessoas e as

regras de convívio na cidade. A violência interfere na vida social, prejudica a qualidade das relações sociais, corrói a qualidade de vida das pessoas.

Segundo Soifer (1983, p. 21), o processo para manter a evolução dos filhos tem relação com a responsabilidade dos pais perante as ansiedades que os mesmos experimentaram num mesmo período. Deste modo, o fator essencial da enfermidade do problema da criança é proveniente da aprendizagem carente dos pais.

Neste sentido, acreditamos que a ação dos pais para uma intervenção psicológica e educativa deveria acontecer essencialmente nos primeiros anos de vida, uma vez que se não conseguirem administrar bem esta fase, será quase impossível apoiar seus filhos futuramente na formação do caráter. O vínculo entre pais e filhos é essencial para que haja uma relação de confiança e transparência, podendo contribuir com uma aprendizagem satisfatória.

De outra parte:

Alguns estudos fazem referência especial à violência urbana como “a brutalidade da vida nas grandes cidades”. Não há como fugir de uma reflexão que considere as injustiças sociais como uma espécie particular da violência urbana, tratada por cientistas, juristas e outras autoridades. Nesse campo, é possível distinguir as expressões e as manifestações em dois grupos: os que têm medo e o demonstram, como que se mantendo em uma constante defensiva, e os que têm medo e o ocultam, posicionando-se na ofensiva. Essa dicotomia parece ser algo básico, inerente à fisionomia das grandes cidades. (MORAIS, 1983, p. 8).

Sabemos que muitos são os casos de agressões dentro do próprio lar, o que gera desestrutura familiar e desequilíbrio psíquico na criança. A mídia nos revela dia a dia casos que chocam a sociedade e este é mais um motivo para que os educadores e instituições estejam preparados para tentar orientar, estimular e favorecer o crescimento do educando.

É pertinente, inicialmente, distinguir a violência na escola. Segundo Charlot (2002, p. 432-443), a violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar; isso ocorre quando, por exemplo, ela é invadida para se resolverem questões de disputas entre grupos do bairro ou de outros territórios.

A realidade aqui descrita retrata, uma sociedade cruel que tem como “atores principais”, a criança em meio uma guerra de gigantes, ou seja, estabeleceu-se a situação de desigualdade o que pode ser o início da violência escolar.

3 BULLYING: DEFINIÇÕES E SINTOMAS

Este é um tema, que tem sido cada vez mais estudado na atualidade mundial, particularmente na área da educação.

Bullying é definido como a “vontade consciente e deliberada de maltratar um indivíduo e colocá-lo sobre tensão”. O *bullying* é um tipo de agressão antiga, e os autores expõem este tipo de violência como um elemento que tem afetado o dia-a-dia, visto que aparece como uma "advertência à integridade física, psíquica e, até mesmo da dignidade humana". Malta *et al* (2010, p. 202), destacam que o *bullying* não é uma veemência restrita a algumas posições econômicas, que decorre distintas "classes sociais e níveis culturais". Este é um fenômeno mundial e que pode ser "encontrado em toda e qualquer instituição escolar, não estando reservado a nenhum tipo específico de organização: primária ou secundária, além de pública ou privada, rural ou, por fim urbana”.

Conforme a autora, Malta *et al* (2010, p. 202):

Fundamentando-se na pesquisa teórica de produções no âmbito, o que é conhecido por *bullying* é separado da seguinte forma: diretos e físicos, que abrange agressões físicas, roubar ou até mesmo estragar elementos dos amigos, roubo de dinheiro, forçar condutas sexuais, obrigar a efetivação de tarefas servis, ou a advertência desses itens; diretos e verbais, que abrangem insultar, apelidar, "tirar sarro", produzir comentários racistas ou que digam sobre a qualquer diferença no outro; e indiretos que abrangem a exclusão sistemática de um indivíduo, efetivação de fofocas e boatos, ameaçar a equipe com a finalidade de alcançar algum favorecimento, ou, assim, manipular a vida social do amigo.

Pode-se pronunciar que a pessoa que é portadora desta síndrome, tem necessidade de submeter, de impor sua autoridade acerca dos outros, diante dos atos de obrigação e necessidade de aceitação diante das equipes.

Estudos apontam que os sintomas mais comuns são: irritabilidade, agressividade, além da impulsividade, intolerância, tensão, explosões emocionais, raiva, depressão, mudança de humor e até reflexões suicidas. (GALL, 2012)

Vale salientar que os jovens que cometem *bullying* são ainda vítimas deste sistema que encoberta nossos monstros interiores, que nos faz sentir

responsáveis por não abrangermos o topo, o poder. Podemos afirmar que este mesmo sistema que nos demonstra através da mídia filmes, desenhos animados tipos contínuos de poder, violência, além de subjugação dos menos beneficiados. Temos mais tipos de como se atuar com a colisão, seja ele interior (nossas máscaras e medos), ou exterior, pela violência, pela racionalização, pela opressão do que por entendimento, respeito e inclusão. (VALLE e MATTOS, 2011, p. 172).

As decorrências concernentes ao *bullying* são inúmeras, dependendo de como as vítimas adquirem as agressões, de como reagem a seus atacantes. Sobre isso Fante (2005, p.44) comenta que, as decorrências para as vítimas desse caso são graves e compreensivas, solicitando na escola o desinteresse pela instituição escolar, o déficit de concentração e aprendizagem, a propensão do rendimento, o absentismo e até mesmo a evasão escolar.

Várias crianças deixaram e deixam de ir à escola e:

Em determinados acontecimentos mais sérios, desempenharam a síndrome do pânico ou outras mazelas psicossomáticas ou mesmo chegam ao suicídio. Estas pessoas e, inclusive, adultos não possui forças ou soluções para se protegerem ou acusarem esta forma de violência, já que, diversas vezes, ela é exercida ocultada ou velada, e o indivíduo não adquire provas para efetivar a denúncia. (VALLE e MATTOS, 2011, p. 167).

Abordando sobre as dificuldades emocionais, Marchesi (2006, p.82) ressalta:

Os problemas emocionais dos discentes podem mudar suas relações sociais com educadores e amigos e dificultar sua aprendizagem. Entre as mesmas se acham à concepção da falta de afeto, o afastamento social, a aflição prolongada, o sentir-se marginalizado e desamparado.

Um aspecto proeminente ao se pensar sobre os métodos de *bullying* é refletir não só sob o fator da vitimização, porém sob o prisma dos aspectos motivacionais que tem a capacidade de estimular estes atos por parte de crianças e adolescentes.

Calimin garante:

Que este debate ao tratar sobre as motivações para determinadas condutas dos estudantes, argumentando: "mesmo que estes irrompam dentro da instituição escolar, não parecem fomentadas apenas por ela" (2006, p.10). Isto é, pensando sobre este ponto de vista, mesmo que os métodos do *bullying* aconteçam no interior da instituição escolar, estes atos podem estar sendo estimuladas por aspectos externos, como "os estados precários de vida nos bairros, ao lado de um clima sobrecarregado na instituição escolar". De acordo com o autor, estes aspectos propendem a condicionar motivações, maneiras, valores, condutas.

Fica claro que tanto para o agressor quanto para a vítima, os resultados são avassaladores tornando-os refém de um comportamento que atinge a área mais preciosa, íntima e inviolável do ser humano, que é a sua alma. Torna a criança refém das suas emoções, o que interfere diretamente nos processos de aprendizagem das mesmas.

Aqui vale fazer um breve comentário questionando a nós futuros educadores: Será que o agressor também não é uma vítima de tal fenômeno, assim como os professores?

Todos os tipos de violência que acima foram citados atingem crianças e adolescentes, desta maneira é preciso falar sobre a infância que é um estágio de alegria, inocência, sorrisos, questionamentos, transformações, curiosidades ou ao menos assim era para ser, um momento único e importante na vida do ser humano, tudo o que acontecer nesta fase terá importância decisiva na formação do caráter de cada um, daí a importância da consistência dos primeiros vínculos e, pois ela depende do espelho do outro para se desenvolver e criar um equilíbrio para viver em sociedade, num primeiro momento ela vive isso no próprio lar, onde os pais são os espelhos refletores.

3.1 O bullying dentro das aulas de educação física

O fenômeno *bullying*, termo de gênese inglesa, é definido como uma reação cruel intrínseca nas relações interpessoais, em que há a sobrepujança do mais forte sobre o mais fraco e que muitas vezes constituem objetos de diversão e prazer, denominados erroneamente de “brincadeiras”, mas que em realidade denotam o propósito de maltratar e intimidar. (FANTE, 2005, p. 29).

É comum observarmos comportamentos discriminatórios ou agressivos no espaço escolar porque, Marques e Draper (1996, p. 41) afirmam que o *bullying* refere-se sobre uma forma de afirmação de poder interpessoal por meio da violência. A vitimização ocorre quando uma pessoa é receptora da agressão de outro mais poderoso. Tanto o *bullying* como, por exemplo, a vitimização tem

consequências negativas imediatas e tardias sobre todos os relacionados: agressores, além de vítimas e observadores.

Principalmente nas aulas de educação física. Tal comportamento pode ser interpretado assim como o autor relata, onde os “fortes” dominam e ou intimidam os mais frágeis e os transformam em objeto de diversão através de brincadeiras, xingamentos e apelidos. Tal fenômeno pode gerar exclusões e rejeições para com a disciplina. Assim como a Educação Física pode ser uma disciplina que atrai os alunos seja pelo esporte ou pelo tempo que o estudante passa fora da sala de aula, este ambiente também pode ser propício para que o fenômeno *bullying* seja reforçado entre os alunos.

Aproximadamente 15 anos:

Essas preocupações foram observadas como uma maneira de violência e ganharam nome: *bullying* (palavra do inglês que pode ser traduzida como “intimidar” ou, até mesmo “amedrontar”). Sua fundamental característica é que a agressão (física, moral ou, até mesmo material) é consecutivamente intencional e repetida diversas vezes sem uma motivação específica. (REVISTA NOVA ESCOLA, 2010, p. 68).

Essas diferenças podem aparecer de forma discriminatória tanto por parte dos meninos quanto das meninas e pode ocorrer por motivos estéticos, diferenças associadas ao gênero, classe social, religião, raça, falta de habilidades e desempenho esportivo, doenças crônicas, portadores de deficiência e até mesmo pela não aceitação das diferenças em relação à sexualidade ou etnia do outro. (SAYÃO e BOCK, 2002).

Para Skrtic (apud STAINBACK, 1999, p. 31), a inclusão [...] “é um novo paradigma de pensamento e de ação, no sentido de incluir todos os indivíduos em uma sociedade na qual a diversidade está se tornando mais norma do que exceção”.

Ao se tratar de uma comunidade plural formada de diferenças de todas as determinações, aparece a necessidade de se atentar para equipes minoritárias que, na maioria das vezes, são discriminados ou marginalizados. Essa exceção recai sobre diferenças agregadas ao gênero, raça, além da etnia, classe social, religião, idade, habilidades motoras, biótipo, seguidos do desempenho esportivo, doenças crônicas, e, por fim portadores de deficiências, dentre outras.

A Educação Física:

Voltada para a formação da cidadania dos alunos deve ser crítica ao modelo que reproduz [...] "a marginalização, os estereótipos, a individualidade, a competição discriminatória, a intolerância com as diferenças, dentre outros valores que reforçam as desigualdades, o autoritarismo, etc...". (RESENDE e SOARES, 1997, p. 33).

Para os autores acima mencionados, o método de intervenção educacional deve "estar fundamentado em valores de justiça, de tolerância às diversidades, de pluralidade, de liberdade, além de fraternidade e de igualdade de condições e chances". (ibid, p. 31).

O Coletivo de Autores enfatiza a importância de desempenhar um pensamento pedagógico, sobre valores como dependência recíproca substituindo individualismo, auxílio contrastando a disputa, classificação em confronto com apropriação, principalmente destacando a liberdade de procedimento dos movimentos - a emancipação -, recusando a dominação e submissão do homem pelo homem. (1997, p. 40).

O autor destaca que não olhar para as diferenças, só poderia reforçar as desigualdades e é pensando nisso que deveríamos ampliar as oportunidades para que todos possam desfrutar com eficiência de um aprendizado, de valores diferentes à cultura do outro e ainda da solidificação da prática social, visando à formação de cidadãos democráticos.

O conceito de crenças¹ é um dos propósitos mais importantes do nosso trabalho, visto que é por meio das crenças que as implicações sobre a violência vão aparecer de diferentes formas em cada núcleo, família, sociedade, ou instituição.

As crenças podem ter efeitos poderosos na vida do ser humano, seja no fracasso ou no sucesso. Elas representam, determinam ou até dominam a consciência do ser humano, se colocando como verdade inquestionável, limites ou valores morais. (OLIVEIRA, 2010).

A definição de crença para Dewey (1993, p. 54) mostra sua natureza dinâmica e sua inter-relação com o conhecimento, como pode ser observado a seguir:

¹Subsídios para avaliar o conhecimento da natureza humana em relação ao fenômeno violência.

“Crenças tem a função de cobrir, todos os debates dentre os quais ainda não existe disponibilidades de conhecimento concreto, fornecendo-nos confiança eficaz para que possamos agir, como também os temas para aceitamos como verdadeiros, ou seja, como conhecimento, porém, que são capazes de serem questionados no futuro.” (CASTRO BARBO, 2012).

Importante lembrar que crença é um sentimento que só pertence à raça humana, nenhum outro ser animal é capaz de cultivar tamanha subjetividade. De acordo com a epistemologia, aquilo que se acredita ser verdade mesmo que não haja provas consumadas dos fatos. Deste modo, pode-se compreender que a crença é uma forma de agir e sentir, sem que se possa ser instruída ou aprendida, mas desempenhada em momentos de pensamento próprio, livre de controles externos. França (2009). Por outro lado, é possível dizer que as crenças vêm de nossos antepassados, seria passada de pais para filhos, mas com o livre arbítrio de segui-las como regras ou refletir sobre as mesmas.

Para Morin (2002, p. 96), “o ser humano está em constante interação com o mundo físico, com os fenômenos naturais, e, principalmente, com outros sujeitos ao seu redor. É desta interação entre os seres humanos que nasce a cultura”.

Própria da natureza humana e da vida coletiva, a cultura é definida:

Por Morin (2002, p. 35) como sendo constituída pelo (...) “Conjunto de hábitos, costumes, práticas, savoir-faire, saberes, normas, interditos, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se perpetua de geração em geração, reproduz-se em cada indivíduo, gera e regenera a complexidade social”.

Diante das considerações do autor, as crenças possuem raízes na cultura, e assim o sujeito tende a agir e a enxergar o mundo através delas, guiando suas condutas ou limitando-se através das mesmas.

De uma forma geral, nossa comunidade tem convivido com adversidades aplicadas por decisões administrativas, políticas e comportamentais que colocam a real essência humana em confronto com seus costumes e valores, que fundamentados em suas crenças podem ou não terem orgulho do seu procedimento ou serem vítimas do contexto da existência, sem gerar algo nutritivo para si ou para a comunidade como um todo. (BISPO, 2012).

As crenças podem ser o fio condutor da ação do ser humano, uma vez que os valores são internalizados, são o padrão ou critério de comportamento para guiar uma ação e assim desenvolver atitudes relevantes ou não, comparando moralmente a si e aos outros. Bispo (2012) destaca que em outras palavras, nossas crenças são os filtros que existem entre conceitos do ser humano na hora de exercer a capacidade de pensar e refletir sobre nossas condutas, são nossas crenças que nos farão tomar uma ou outra posição diante de diversos temas e circunstâncias que encontramos no dia a dia. As atitudes e pensamentos que temos, dependem de muitos conhecimentos, assim como: o senso comum, a herança dos conhecimentos que são adquiridas por nossos pais, pela sociedade e pelas próprias vivências do ser humano.

Desta forma, o conhecimento é um ponto de partida, e as crenças darão ou não validade, ora divergindo ora concordando com determinados conceitos.

O que se pode notar é que não podemos ignorar as experiências e as visões do ser humano para que não haja uma visão parcial ou isolada de qualquer crença, mas sim uma visão ampla no qual os fatores implícitos do indivíduo devem ser levados em conta. (BARCELOS, 2004).

As crenças são consideradas como “partes das nossas experiências e estão inter-relacionadas com o meio em que vivemos”.

4 OS DIREITOS HUMANOS: PROTEÇÃO DAS CRIANÇAS

As crianças têm direito a várias coisas, porém, foi especificamente durante a Assembléia Geral das Nações Unidas, no dia 20 de novembro de 1959, que representantes de centenas de países aprovaram a Declaração dos Direitos da Criança. Ela foi adaptada da Declaração Universal dos Direitos Humanos, só que voltada para a criança!

É preciso observar que:

A ponderação comum focaliza a responsabilidade da realização dos benefícios básicos da criança e do adolescente, acerca da família e da instituição escolar, contudo, como salientado acima, esta culpabilidade decorre por toda a comunidade. Assim sendo, cada ator social sua presença na viabilização, garantia e realização destes direitos. Para o Fiocruz (2012), ao pensar sobre a influência desta participação da comunidade, torna-se proeminente, mencionar o Art. 18 do ECA: "É obrigação de todos velar pela distinção da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de determinado tratamento cruel, violento, além de aterrorizante, vexatório ou constrangedor".

Relacionado ao direito ao respeito e a integridade, o ECA afirma em seu Art. 17: "O benefício ao respeito incide na inviolabilidade da integridade física, psíquica e até mesmo moral da criança e do adolescente, envolvendo a preservação da imagem, do reconhecimento, da autonomia, dos valores, conceitos e crenças, dos espaços e objetos pessoais".

No que diz respeito sobre a interferência e combates dos métodos de *bullying*, uma ferramenta relevante é o Conselho Tutelar, por ter um papel fundamental na expectativa da proteção, "designado pela comunidade de zelar pela realização dos direitos da criança e do adolescente" (Art. 131, ECA), dentre suas pertinências, salientamos: requisitar às autoridades adequadas os serviços públicos necessários; prestar atendimento e recomendar aos adolescentes e seus responsáveis; conduzir ao Ministério Público notícia que estabeleça lesão ao direito do adolescente. (VENTURA, 2002, p. 112).

Porém, é complexa a luta para que esses benefícios sejam reverenciados. A Declaração dos Direitos da Criança tem 10 princípios que tem a o dever de ser respeitados por todas as pessoas para que as crianças tenham uma vivência digna, com muito amor e carinho. O povo brasileiro possui o dever de proteger e dar valor aos alunos, porém é fundamental lembrarmos que elas serão o nosso futuro. (FIOCRUZ, 2012).

Para a Creche Pastor Francisco Miranda (2012) ressalta que:

- 1- Toda criança será favorecida por esses direitos, sem que haja discriminação, tanto por raça, quanto pela cor, sexo, língua, religião, onde toda criança deve ter respeito.
- 2- Em geral, toda criança tem direito de ter uma proteção, na qual devem ter chances para se desenvolver de forma plena, com liberdade e dignidade.
- 3- A partir do nascimento, a criança possui direito a um nome e uma nacionalidade, isto é, ser cidadão de um país.
- 4- Todas crianças têm direito à crescer com plena saúde, mas para isso, as futuras mães ainda têm direito a cuidados especiais, para que seus filhos podem nascer saudáveis, através de uma alimentação, além da habitação, recreação e, todavia a assistência médica.
- 5- É papel de o Estado fornecer auxílio às crianças com deficiência física ou mental, recebendo uma educação de qualidade e cuidados especiais, já que estas merecem respeito.
- 6- É primordial que a família favoreça um ambiente repleto de amor, segurança e entendimento, embora estas crianças terão os cuidado dos pais, e, contudo, jamais deverão ser separadas da mãe, a menos que seja preciso.
- 7- Sabe-se que uma criança tem privilégio de obter educação primária gratuita, entretanto, de qualidade, para que seja capaz para desempenhar suas competências.

Um exemplo a ser citado por meio dessa intervenção, achamos o caso do Conselho Tutelar de Santa Bárbara d'Oeste, na cidade de São Paulo, que investiu em ferramentas com a intenção de monitorar adolescentes que cometeram uma participação em um caso de *bullying*, acarretando ampla repercussão no Brasil.

Foi necessário, reproduzir dados de acordo, com outros Marcos Legais, que comprovam a defesa de princípios de Proteção Legal, independente se for casos de *bullying*, pois contribuem como subsídio no contexto para combater a todo tipo de violência, como também eliminar a violação de direitos. Neste contexto, é de grande valor citar a Carta Magna instituída no ano de 1988, estabelecendo nos seus Artigos 1º, inciso II e III e Art. 3º Inciso I que se relaciona as normas da cidadania, em conexão com a dignidade do ser humano e valida que "Todos são iguais diante da Lei" (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988). Assim sendo, a Declaração Universal dos Direitos Humanos laborada no dia 10 de Dezembro de 1948, teve a finalidade de

abranger a esfera internacional, cujo papel foi declarar "a proteção à infância com o escopo de promover a assistência especial voltada à criança". (FIOCRUZ, 2012).

Entre os diversos direitos da criança, como já foi citado anteriormente podem apresentar outros exemplos destinados em ocasionar benefícios para que:

- Toda criança possui o direito de receber atenção e amor
- Todas as crianças devem ser consideradas com igualdade
- A criança tem direito a uma boa alimentação
- Toda criança tem direito a uma boa saúde
- Toda criança tem direito ao lazer
- Em síntese, a criança deve ter direito de frequentar à escola
- Na verdade toda criança não deve ser vítima da guerra, e nem ser vítima de abusos sexuais.
- Toda criança tem o livre arbítrio de se expressar, podendo ainda praticar sua religião.
- É preciso ter em mente que a criança jamais poderá ser maltratada, e também não deve ser explorada pelo trabalho infantil.
- É dever de o Estado ter a obrigação de estabelecer que a criança pode ter uma união com outras crianças
- Neste sentido, a criança obtém informações que servirão para seu bem
- É essencial fornecer prioridade às crianças que estão refugiadas
- Assim, é fundamental oferecer preferência às crianças que encontra-se em conflitos legais. (SAMPA, 2012).

Finalizando é obrigação o fornecimento da prioridade às crianças que não tem família.

5 O PAPEL DA ESCOLA PARA MINIMIZAR AS AGRESSÕES DE BULLYNG

Comumente, até os três anos de idade o ensino fica por conta da família, após esse tempo a criança começa a frequentar as instituições escolar sendo a atividade de ensinar a partir daí separada entre família e instituições (educadores). Entretanto, caberia a instituição escolar a divulgação dos saberes edificado para a formação da pessoa crítica e reflexiva que tem a capacidade e defender seus benefícios e obrigações como cidadãos. (SILVA, 2002).

Entretanto, o termo cujo nós iremos aprofundar nesta atividade:

Refere-se à violência na instituição escolar. Nesta conjuntura, a violência pode se apresentar de diversas maneiras, como por exemplo: moral, psicológica, física, sexual, e, por fim material. Hoje em dia, esta maneira de praticar a violência tem sido denominada de *bullying*, estabelecendo-se uma das maneiras de violência cometida no interior das instituições escolares. De acordo com Cleo Fante, o "*bullying* é um termo de origem inglesa, assumido em diversos países para definir a vontade consciente e deliberada de maltratar outro indivíduo e colocá-lo sob tensão" (apud CALHAU, 2008, p. 86).

Neto (2004, p. 36) descreve que o *bullying* tem sua classificação de acordo com o direto assim que as vitimas são atacadas de forma direta, ou indiretamente, quando as vitimas não estão presentes. Ou seja, são levados em conta se o *bullying* for diretamente compostos por apelidos, além de agressões físicas, isto é, se a pessoa sofrer ameaças, roubos, ofensas verbais ou, ainda for agredidas através expressões ou gestos que dão origem a um mal. São comportamentos empregados por meio de frequência quatro vezes maior existente entre os meninos. Em contradição, o *bullying* feito de maneira indireta, diz respeito a conduta referentes ao fato da indiferença, causando isolamento, difamação e impedindo a inserção aos desejos, onde passa a ser mais adotados pelas meninas.

A escola pode ter um papel decisivo na formação da criança, contudo não podemos esquecer que existem escolas e escolas, educadores e educadores, e também pais que não se interessam em conhecer o lugar o qual seu filho passara a maior parte do seu dia, funcionando apenas como um depósito de filhos para que eles possam trabalhar e no fim do dia busca-los. Por este motivo é bom que fique claro que a educação não é somente um dever da escola, pais tem o dever de participar e conhecer o ambiente e o educador com quem seus filhos passarão a

maior parte do tempo, os funcionários da escola, sua estrutura, o envolvimento da direção no processo educacional, enfim estar ciente dos aspectos específicos e transformadores da escola.

Estamos partindo do princípio de que os pais devem e tem o dever de se interessar pela educação dos seus filhos, acreditamos que existam pais bem intencionados, mas não podemos esquecer que existem crianças que são deixadas nas escolas e que os pais depositam nos educadores o dever de educar seus filhos em todos os sentidos.

Em conformidade com a visão dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

A inclusão dos Temas Transversais e Ética pode ser útil de forma positiva pelos educadores, principalmente naquilo que diz respeito acerca de elementos que cooperam na prevenção do bullying no ambiente de sala de aula. Este processo traz a tona questões proeminente, podendo ser aplicados em seu dia-a-dia pedagógico, uma vez que estará cooperando para que o ambiente escolar seja um ambiente que beneficiará numa aprendizagem para todos os alunos. (BRASIL, 1998),

A escola cabe o papel de dar um alicerce, uma estrutura para que os alunos tenham uma instrução básica sobre a alfabetização de modo geral e de como os alunos possam ser alguém na vida, tendo como base as matérias e as questões de cidadania, em suma seria uma base para que eles aprendam tudo para aplicar no cotidiano podendo tomar suas próprias decisões. Vale lembrar que somente os alunos que se esforçam e que querem aprender quer terão o domínio sobre tal situação.

Ferreira e Silva (2011) ressaltam que temos analisado noticiários produzidos pela imprensa que mencionam várias matérias quanto à violência na instituição escolar que podem ser classificados como *bullying*. Por este motivo tem despertado maior reflexão a propósito da confirmação das leis para combater ao *bullying* e o que qualifica com eficácia a luta para minimizar essa prática, a partir da visão que este fenômeno tem desencadeado na vida diária nos ambientes das escolas.

A observação obrigatória possibilitará que os casos que ocorrem diante do *bullying* tenham uma melhor investigação. Segundo a perspectiva de D'angelo (2010), se perante essas agressões não seja tomada a medida coerente, a lei decretada estabelece multa de três a 20 salários mínimos, aproximadamente R\$ 10.200, ou seja, deverá efetuar o pagamento de dez mil e duzentos reais. Esta

medida é indispensável, tanto em escolas públicas, quanto em particulares, conforme o Art. 1º desta lei:

Sobre os municípios podemos explicar o município do Rio de Janeiro, essa Lei de nº 5.089/2009 legitimou a solicitação com a meta de eliminar o *bullying* na escola, embora fosse sancionada como uma Lei de caráter sócioeducativa.

Como alternativa para reduzir a prática do *bullying* no Brasil:

Houve a intervenção para combater casos de *bullying* e outras situações que geram grandes conflitos, tem sido importante na cidade de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, conceituada de "Justiça Restaurativa". Segundo Fabis *et al*, a aplicação de círculos restaurativos nas escolas, [faz parte do Projeto Justiça para o Século 21 utilizado como estratégia para a promoção da cultura de paz e difusão das práticas restaurativas nas escolas (2009, p. 2860).

Esses círculos restaurativos têm como objetivo trabalhar em espaços para mediar e solucionar tais conflitos, Brancher apresenta o funcionamento dos "Círculos Restaurativos", levando em consideração como:

Um período em que todas as pessoas sentam em Círculo; em um primeiro instante surge à execução do Pré-Círculo definindo o acontecimento devendo estar informado de modo individual, e cada participante seguiram os passos. No segundo momento, o Círculo propriamente dito, sendo que os indivíduos no conflito serão capazes de ouvir e falar de suas necessidades na hora da colisão, até que possam entrar num acordo para recuperar o laço fragilizado diante da relação para responsabilizar por suas atitudes presentes e futuras. A questão ainda aborda num terceiro momento, a efetivação do Pós-Círculo com o principal propósito de examinar se o acordo constituído no círculo teve uma eficácia ou não (BRANCHER, 2007 apud FABIS *et al*, 2009, p. 2860).

Em sua pesquisa Fabis *et al* (2009, p. 2962), afirmou que essa atividade:

Tem uma proposta para restaurar os "laços fragilizados", promovendo nesta conjuntura, um espaço para verbalizar "suas necessidades" e o sentimento ocasionado por este conflito, como também um tempo de escuta pelos participantes, criaria meios para refletir sobre os acontecimentos sucedidos analisando suas repercussões.

Esta alternativa tem como resultado um grande espaço de mediação, determinadas das intervenções desempenhadas através da inserção de, serviços voltados a comunidade proporcionadas, na escola, no, entanto, turno inverso ou, ainda na sua sala de aula (limpeza) e tarefas como trabalhos de grupo, brincadeiras,

entre outros, tais como: escrever cartas, com bilhetes afetuosos, montando painéis com ações a serem realizadas, como por exemplo, desenhos.

E é neste sentido que os pais devem estar cientes do papel da escola, para poderem acompanhar de perto se seu filho esta ou não sendo prejudicado no que diz respeito a sua formação.

5.1 O papel do professor frente ao bullying no ambiente escolar

O papel do educador é de mediador do conhecimento, para tanto é necessário ser flexível, saber ouvir, ser receptivo, estar sempre pesquisando para buscar novos caminhos que favoreça o aprendizado, ser ético, pois somos também um espelho pra nossos alunos e acima de tudo temos que gostar do que fazemos, visando à qualidade do nosso trabalho para contribuir com a educação.

A função do educador não é apenas o de prevenir e combater o *bullying* na sala de aula compete ao mesmo demonstrar que as atitudes dos docentes com os alunos, isto é, de acordo de forma de como desenvolvem seu trabalho com eles podem desencadear o *bullying* no dia-a-dia da instituição escolar. (SANTOS, 2007).

Segundo Paulo Freire p. 65 (Paulo Freire para Educadores) “o papel do educador não é propriamente falar ao educando, sobre sua visão de mundo ou lhe impor esta visão, mas dialogar com ele sobre a sua visão e a dele”. Sua tarefa não é falar, dissertar, mas problematizar a realidade concreta do educando, problematizando-se ao mesmo tempo.

Pesquisas explicam que:

O programa de intervenção descrito por Olweus nos anos 1990 tinha como particularidades primordiais que serviram no desempenho de normas sólidas com fim de eliminar o *bullying* nas escolas, objetivando um envolvimento ativo por parte de educadores, e, também dos pais, ampliando a conscientização do problema, progredindo no sentido de excluir determinados costumes sobre o *bullying*, com a meta em providenciar em ferramentas para prestar apoio e proteger as vítimas. (SANTOS, 2007).

Nesta perspectiva é importante sabermos que não somos os donos do saber, quem ensina esta sempre aprendendo, lembrando que ensinar não é

somente transmitir o conhecimento, mas fazer dele um ponto de partida para a prática da educação. Somos seres inacabados e devemos estar sempre em busca de novos saberes, principalmente falando de educadores que devem estar sempre buscando estratégias de ensino que chame a atenção do educando. Nos lembramos de uma frase que nossa professora do primeiro semestre nos disse: “Com vinagre não se apanham moscas” , sendo assim temos que trazer o conhecimento, mas junto a ele metodologias que faça os alunos terem interesse nas aulas e em voltar no outro dia para a escola que é sua segunda casa.

Neto (2004), segundo pesquisa realizada pela ABRAPIA em 2003, relatou que boa parte das agressões aconteceu na sala de aula juntamente com o professor. A partir deste dado fica claro que existe o trabalho do professor, composto por ações diante a sala de aula. Assim sendo, é preciso para combater ou, ainda prevenir o *bullying* na sala de aula não é importante que o docente tenha um conhecimento acerca da definição dessas agressões, onde poderão minimizar as consequências causadas por esse transtorno, prevenindo da melhor forma possível essas atitudes que ocorre na sala de aula.

Há ainda outro aspecto a ser observado que é o trabalho para prevenir contra o uso das drogas e o álcool, já que, em geral surge em consonância com os comportamentos de violência. O intuito seria aperfeiçoar e criar um trabalho relacionado com o assunto desde as séries iniciais apresentando aos alunos os prejuízos que a dependência pode promover, tanto na saúde, quanto na vida da família. (OLIVEIRA e CAMPOS, 2011).

Tal postura seria de educar para que, quando jovem o aluno não chegue nem a experimentar as drogas e nem fazer uso abusivo do álcool. Para isto o professor deve ter como objetivo fazer com que os alunos reflitam sobre seu futuro e suas escolhas. Assim sendo, o grande diferencial será a abordagem do professor, que deve estar devidamente informado sobre o conhecimento científico das drogas para divulgar as informações de forma clara, coerente e eficaz. (MEDEIROS, 2012).

O professor que critica com constância o seu aluno, como também compará-lo com outros, ignorando está fazendo que o mesmo passe a ser uma das vítimas do *bullying* e de certa maneira estará agindo com falta de respeito do aluno na escola, prejudicando o espaço pedagógico.

A crítica injusta:

É uma das formas de má comunicação, que provoca ressentimento, hostilidade e deterioração de desempenho, seja em que idade for. (LOBO, 1997, p. 91).

Todavia, é importante que o professor saiba transmitir aos alunos a fundamental essência do respeito e ter conhecimentos referentes aos direitos das crianças, sendo um mediador na produção de um ambiente que contribua no processo de amizade e companheirismo, interferindo de forma coerente em meio as chamadas brincadeiras de mal gosto, no caso de *bullying* que tendem em ocorrer no interior da sala de aula.

Contudo é preciso ressaltar que às vezes devido à violência das comunidades o professor encontra dificuldades para interferir com medo de represarias dos próprios traficantes que tomam posse da comunidade.

6 SOCIEDADE E O SEU PAPEL

A sociedade do Brasil é extremamente violenta, e talvez o foco principal fosse o abandono do governo pelas classes menos favorecidas. Esta violência pode ser sentida nas favelas das cidades de grande porte, onde o tráfico e o grande vilão ou também em regiões rurais onde os donos das terras são quem fazem as leis.

A sociedade também tem seu papel na luta contra a violência, cabe a ela atuar reconhecendo e respeitando os direitos dos cidadãos. A violência é vista como um tema transversal e a atuação da sociedade para prevenir contra essas agressões, podendo ser realizados simultaneamente com o respaldo da comunidade.

Existem cidades que criam conselhos assistenciais com o objetivo de minimizar os casos de violência.

Portanto, o Ministério Público (MP) da cidade de São Paulo tem um anteprojeto de lei que estabelece meios para efetivar e regulamentar a criminalização do *bullying*. Diante disso, o projeto constituiria crime com pena de um a quatro anos de reclusão, e também uma multa.

Em síntese, o projeto prevê ainda que, se o *bullying* for cometido por mais de uma pessoa, através de eletrônico ou outro tipo de midi, por exemplo, o *cyberbullying*, a pena será ampliada cerca de um terço até a metade. Mas, se for considerada uma lesão grave, é presumida reclusão de cinco a dez anos. Em contrapartida se houver a ocorrência de morte, o agressor receberá reclusão entre doze a trinta anos, contando, sobretudo, com multa no caso de homicídios (MENDONÇA, 2012).

Para Pedra (2008), na atualidade, o Distrito Federal o Cemeobes criou o Programa Educar para a Paz em duas escolas, constituída por profissionais que desempenham seus trabalhos como voluntários das áreas de Educação, Saúde, além da Segurança Pública, Assistência Social e, todavia na área de Conselho Tutelar.

Leandro (2012) confirma que em Fernandópolis a Vara de Infância e Juventude decretou que dois adolescentes com idade entre quinze e dezesseis anos foram obrigados a cumprir medidas sócioeducativa por tempo indeterminado, pelo

fato de ter praticado atitudes de *bullying*, em semiliberdade. Os jovens foram punidos devido a agressão física num aluno de dez anos no pátio da escola, a partir de então os mesmos estão internados por tempo provisório na Fundação Casa (Antiga Febem).

Pensar na paz é pensar numa postura de solidariedade referenciando-se na ética da conduta ideal dos indivíduos das instituições e sociedade em geral.

É benéfico desenvolver Iniciativas por meio de políticas para minimizar a violência no ambiente escolar, para isso essas estratégias surgiram pelo Ministério da Justiça, talvez perante o aumento nos índices de violência que na maioria das vezes envolvem jovens que fazem parte do crime organizado e homicídios, tanto com vítimas, quanto como agressores. O Sr. José Gregori Nacional dos Direitos Humanos, secretário naquele período expos que:

A violência considerada como fenômeno particular na e o progresso de denúncia, sobre as violências contra e por jovens provocou a reações sociais, inserindo a juventude como problema, com fim em evocar a necessidade de aumenta o debate sobre os direitos, enfatizando as múltiplas instituições, públicas e privadas, que aborda o tema violência da juventude. (WAISELFISZ, 1998, p. 8)

Em parceria com o Ministério da Educação em conexão com as secretarias estaduais de educação, cerca de 5,656 educadores foram qualificados sobre os temas transversais Ética e cidadania – o programa Paz nas Escolas.

Os primeiros resultados desta parceria desenvolvidos a partir de 2000 em 14 estados brasileiros foram campanhas visando o desarmamento da população, apoio na formação e qualificação de policiais visando mediação de conflitos, a capacitação de educadores e policiais em direitos e éticos.

Em Barretos temos o PROERD que é desenvolvido pela polícia Militar, durante um semestre letivo, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e as Famílias dos estudantes.

Estudos elaborados por Santos e Silva (2011) reforça que o programa será ministrado por pessoas da Polícia Militar de Rondônia juntamente com atividades empregadas nas escolas da rede municipal de ensino, que serão monitoradas pela Secretaria Municipal de Educação, e possui como meta prevenir uso ineficaz de drogas, além da prática de violência pelas crianças e adolescentes.

Finalmente ao considerar, esse contexto, em geral, pode se concluir que a compreensão referente ao *bullying* requer o conceito da violência como elemento social significativo na sociedade atual, decorrendo as correlações escolares com vários formatos. Toro (2010) garante que a concepção do tema *bullying* permitiu melhor entendimento que o panorama de violência na escola está interligado com relações poder auxiliadas pelo autoritarismo, restrição e exclusão do diálogo, objetos dinâmicos para cumprir o potencial do *bullying*.

Segundo Rouanet (1998), a ideologia foi se enraizando no curso do processo de socialização, por meio das contínuas privações pulsionais que o interesse familiar, e após outras instâncias, passou a impor ao indivíduo. O procedimento no qual os diversos objetos de amor foram abandonados, no curso da formação psicosexual, onde a pessoa transita da etapa oral para a etapa genital, é seguido, em cada caso, com determinações e proscricções, de imperativos éticos, de regras negativas e positivas, que tendem em corresponder, aos valores sociais vigentes. (p. 23-24).

Contudo, diante de um problema que atinge milhões de crianças, podemos dizer que este é somente um passo a caminho de criações favoráveis para eliminar a violência no ambiente escolar. É preciso considerar que condições de salário e de trabalho dos educadores e policiais é desfavorável deteriorando esforços isolados por parte dos mesmos. O que quer dizer que nenhuma política que for implantada terá valor se não levar em conta todos os fatores que favorecem ou não a consolidação da proposta.

7 METODOLOGIA

O desenvolvimento deste estudo envolveu a pesquisa bibliográfica, por meio da leitura de artigos científicos disponibilizados em base de dados científicos.

Os dados a serem pesquisado foram fundamentados com estudos no site de busca Scielo, além do Observatório da infância, Parâmetros Curriculares Nacionais (2012), Pedagogia ao pé da letra (2012), em vinculação com o site de pesquisa Ebah, UNESP, da Revista Digital. Buenos Aires e da Revista Psicol. Teor, com a finalidade de analisar alguns referenciais bibliográficos, compostos por documentos normativos e legislações relacionadas ao tema.

A metodologia científica, para o levantamento dos dados incluídos no presente estudo é a pesquisa qualitativa, obtendo como enfoque fundamental o Estudo de Caso, com a meta em avaliar as condutas das educadoras para prevenir o *bullying*.

Segundo Ludke e André (1986, p. 99) a pesquisa qualitativa é considerada como um processo que serve para abordar, a fonte diretamente dos dados e sujeitos a serem pesquisados.

Este trabalho teve como metodologia o estudo de caso, pois para Gil (1988, p. 13) é definido como método onde o autor procura aprofundar em objetos de forma que possibilita seu amplo e detalhado conhecimento, estratégia praticamente impossível diante de outros delineamentos considerados.

Na expectativa do autor citado acima, estudos elaborados por meio do estudo de caso tem ampla importância pelo fato de explorar situações no dia-a-dia de uma escola que não está de forma clara definida, na qual deverá apresentar a situação em que encontra-se instalado o problema, procurando explicar quais as variáveis do fenômeno que permitam os levantamentos sobre o *bullying* nas aulas de Educação Física.

Após fazer as observações, foram entrevistados os professores disponíveis em Anexo A, e alunos Anexo B, de uma instituição, além da descrição dos acontecimentos que ocorrem dentro de uma aula de educação física, levando em conta que o estudo de caso é um método qualitativo e que me levou a investigar o

contexto da violência dentro de uma instituição, confrontando as situações com outras situações e teorias já existentes a cerca do assunto.

Para tanto, para a coleta de dados, foi preciso ir à busca do principal instrumento, sem descartar as diversas fontes teóricas de autores que abordam o tema, visto que, para este tipo de pesquisa é necessário uma formação teórica antecipada e aprofundada.

A observação participante se dá através do contato direto do investigador com o que é pesquisado, seria a “convivência”, que pode ser realizada através da participação plena ou do distanciamento total de participação da vida do grupo.

Kipnis (2004) explicou que para nortear a busca dos resultados em nossa pesquisa utilizamos o processo indutivo- interpretativo, verificando que este método nos permite que diante de respostas peculiares alcancemos um resultado que nos levou a um resultado generalizado, ao estabelecermos relações entre a Violência Escolar nas aulas de Educação Física.

É importante acreditar que é necessário que a partir da experiência proceda de forma ordenada, para que o processo indutivo adquira elemento gradual e interpretativo, já que é preciso contar com a indução que não esteja além da quantidade dos casos, na qual se manifesta um fenômeno, o processo indutivo é mais complicado. (GONÇALVES, SCHEUER e ALBACH, 2009).

Com o desenvolvimento da entrevista teve o objetivo de pesquisar os docentes com especialidade na área de educação física, que não adquirem formação no desempenho da ordem cultura de paz e gestores administrativos, seguidos de pedagógicos da escola que ainda recebem desenvolvimento para a minimizar o *bullyng*.

A partir do momento da solicitação da realização da pesquisa junto à diretora da unidade escolar via telefone, enviamos o termo de autorização solicitando a real aprovação do trabalho de pesquisa, após o aceite da direção fomos até a escola e iniciamos o agendamento das entrevistas junto aos professores da escola.

Os materiais utilizados para a entrevista foram: computador, impressora folhas impressas com a entrevista semi-estruturada, folhas em branco, caneta e gravador de voz.

Sendo o objeto da nossa pesquisa análise das ocorrências de violência dentro das aulas de Educação Física e possibilidades de intervenções diante do problema.

Delineamento do estudo

Podemos afirmar que o delineamento desse estudo foi qualitativo e a coleta das informações foi realizada através de entrevistas em profundidade. Logo em seguida a transcrição, as mesmas foram contidas à pesquisa de discurso. Deste modo, a produção discursiva em torno do bullying demonstrou significações decorridas pelos discursos psicológicos, seguidos de acadêmicos e midiáticos ocasionados acerca do bullying no Brasil e no mundo.

Gomes e Resende (2011) explicam que a pesquisa, teve a pretensão de reconhecer e optar pelos principais artigos científicos disponíveis em base de dados vinculados ao bullying. Dentre as diversas técnicas que analisam a pesquisa de conteúdo, o estudo categorial foi empregado sendo incluídas como categorias: educação inclusiva e violência escolar referentes ao bullying durante as aulas de Educação Física.

Dimensão empírica

Com esta pesquisa, queremos propiciar um pequeno auxílio teórico e empírico sobre a questão, que o tempo todo existiu, no entanto de forma ainda não visibilizada. O bullying tem o significado de discriminação das pessoas por membros de sua equipe de convívio, e se demonstra em vários graus de intensidade, sendo capaz de ocasionar exclusão dos mesmos.

Descrição do procedimento utilizado para análise e discussão dos dados

Assim, tem-se como objetivo maior a contribuição para as pesquisas sobre as técnicas de análise de informações no domínio da pesquisa de administração,

tratando de uma estratégia de análise já muito empregada e promissora para o progresso da sabedoria no campo em suas diversificadas áreas temática.

Esse estudo com o propósito de reconhecer e optar pelos principais artigos científicos disponíveis em fundamento de informações científica vinculadas ao bullying e indagar essa prática na atualidade em nossa população.

Qualquer estratégia de análise de informações, em último momento, significa uma metodologia de representação. Como tal, possui processos peculiares, implicando a preparação das informações para a análise, já que esse método “incide em retirar sentido dos dados de texto e figura” (Creswell, 2007, p. 194). No entanto, entre as diferentes táticas analíticas os procedimentos e as expressões diferem, e a avaliação de conteúdo ao mesmo tempo apresenta peculiaridades.

Decidiu-se que o artigo interpretado e avaliado seria aquele que retratasse o bullying na realidade do Brasil e que no título do artigo existisse o termo bullying, para assegurar aderência ao tema recomendado.

Em afinidade à escolha do processo de análise de informações:

A descodificação de um documento pode empregar-se de diferentes processos para obter o significado profundo dos diálogos nele cifrados. A opção do procedimento mais apropriado depende do material a ser avaliado, dos propósitos do estudo e da posição ideológica e social do analisador. (CHIZZOTTI, 2006, p. 98).

Também os estudos qualitativos podem empregar programas para análise de informações, sem que o próprio pesquisador espere que os mesmos efetivem o trabalho de análise automaticamente; na verdade, somente auxiliam no estudo. Entre determinados programas auxiliares para a avaliação de dados qualitativos.

Instrumento de construção dos dados

A coleta dos dados utilizamos o recurso de entrevista semi-aberta, que conta com perguntas abertas, facilitando assim o trabalho com os entrevistados além tomar menos tempo durante a entrevista.

Perante as inquietações notificadas no dia-a-dia escolar, fica explícita a precisão em efetivar esta pesquisa, no qual por meio de um trabalho com educadores de educação física, efetivado por meio de uma entrevista semi-

estruturada, com um questionário orientador, procuramos à resposta desta pesquisa de caso. (LENA, 2012).

O questionário destinado aos Professores de Educação Física, que foi utilizado por meio da entrevista foi composto por onze questões e o questionário dos alunos (Anexo B) foi elaborado doze perguntas e acreditamos ser suficientes para elucidar na busca de respostas em nosso estudo de caso e por sua vez está em disponível em Anexos (A).

As entrevistas aconteceram de forma individual sem a presença de terceiros, com o propósito de manter total sigilo das respostas perante a identidade do entrevistado.

Lena (2009) ressalta que a direção da entidade escolar aceitou a solicitação para o estudo de caso e a elaboração das entrevistas convocou que após a obtenção dos resultados finais, para que fizesse a identificação de uma nova probabilidade de trabalho na escola.

Esse processo foi realizado no mês de Novembro do ano 2.011, nos horários das aulas de Educação Física tendo somente a presença de entrevistado e entrevistador, por meio do questionário para subsidiar na entrevista.

Análise e coleta de dados

Conforme a coleta de dados, foi possível analisar os documentos referentes às bibliografias acerca de como o *bullying* se manifesta, foi provável observar casos de *bullying* nas respectivas salas de aula, com o propósito de apresentar os comportamentos das docentes investigadas para combater e prevenir o *bullying*, assim como, também avaliar as posturas que causam o *bullying* na instituição escolar.

O nível de estudo empregado foi o exploratório, pois possibilita reconhecer a profundidade das ações de *bullying* e da maneira assumida por pais e a instituição escolar abrindo portas ainda para outros estudos no sentido de favorecer novas políticas Pedagógicas para o combate ao *bullying* escolar. (GIRARDI, 2011).

Com a aplicação dos questionários as professoras foram capazes de descrever, tanto atitudes positivas, quanto negativas sobre o *bullying*.

Depois de realizada a escolha da escola foi enviada então o termo de consentimento livre, assim que foram esclarecidas as dúvidas pertinentes iniciamos a coleta dos dados mediante o questionário semi-aberto que norteava a entrevista.

Optou-se pelo emprego da pesquisa de área com o aproveitamento de questionário como instrumento de coleta de informações, entregues diretamente aos alunos, partindo de estudo de campo e com o uso de análise de dados qualitativo.

Ao ter a visão de que uma pesquisa qualitativa foi elaborada através de um questionário (Anexo A) produzido por nós com o propósito de explorar o conteúdo projetado. Conforme Thomas e Nelson (2002), a pesquisa qualitativa difere-se dos outros tipo de pesquisa, uma vez que é um método voltado para investigar tem a intenção de seguir o procedimento científico para solucionar os problemas. A pesquisa qualitativa tem a função de progredir em um processo indutivo no desempenho de hipóteses conectado com a teoria a partir do momento em que os dados são descobertos. Desta forma, o pesquisador é o elemento essencial na análise de dados. (THOMAS, NELSON, 2002, p. 36).

Com fundamento no questionário foi possível avaliar as informações e obtive as ocorrências da pesquisa de campo para concluir e concretizar o trabalho. Mesmo que a questão se apresenta de forma pouco visível, os resultados das entrevistas delinearam que, a escola deve agir com profundidade para eliminar a problemática de alunos que praticam o *bullying*.

Diante desse estudo, a pesquisa baseou-se em respostas abertas, sem a tabulação de dados perante a via estatística, porém surgiu o estudo das “respostas” dos professores e alunos entrevistados, que por sua vez foram aproveitadas como subsídio para manifestar a realidade da convivência no espaço escolar, entre alunos que cometem e os que são vítimas do *bullying*.

Assim sendo, é importante analisar se por acaso existe em determinada num nível, para omitir por partes dos professores e gestores das instituições escolares diante às reclamações dos alunos com relação às condutas do *bullying*.

A análise dos dados ocorre em seguida o agrupamento das respostas de todos os discentes.

Na expectativa de Fante (2005), o *bullying* é uma das maneiras de violência que mais tem crescido no mundo, podendo acontecer em qualquer lugar na sociedade, particularmente nas escolas, embora isso tenha ocorrido também entre

os próprios familiares. Na atualidade, a gama de informações disponíveis, serve para identificar comportamento de *bullying*.

Segundo os dados coletados e, ainda com relação às referências acerca da manifestação do *bullying*, foi provável a identificação nos casos de *bullying* nas salas de aula e também houve a probabilidade de avaliar as ações das educadoras sobre as atitudes que irão contribuir para combater e prevenir o *bullying*.

Através dos questionários aplicados as professoras foi admissível identificar condutas positivas, como também negativas referentes ao *bullying*. E em vinculação com as observações elaboradas, observou-se a relação de determinadas atitudes com a circunstância de *bullying* no ambiente escolar.

Cada questão presente no questionário será examinada e debatida, conforme a transcrição de algumas respostas das professoras e dos alunos entrevistados, sem nenhuma correção.

É de grande valor, utilizar na coleta de dados uma expectativa processos que possibilitará uma maior aproximação com as peculiaridades, dos motivos e decorrências do *bullying* junto com as entrevistas, e análise documental.

7.1 ESTUDO DE CASO: EDUCAÇÃO FÍSICA E VIOLÊNCIA: BULLYNG NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

A pesquisa será realizada na cidade de Barretos, Estado de São Paulo, e a escola pesquisada situa-se na região central de Barretos, sendo uma Instituição particular que atende desde o ensino fundamental I até o ensino médio, sendo que a Instituição conta com três professores de Educação física.

A coleta de dados serão produzidas, no próprio ambiente da instituição.

Os sujeitos deste do estudo de caso três professores de Educação Física, os quais lecionam tanto em Escolas Particulares como em escolas públicas além de sete alunos do ensino fundamental I que frequentam as aulas de Educação Física.

As entrevistas ocorreram individualmente sem a influência de terceiros e na certeza de total sigilo das respostas mediante a identidade do entrevistado.

A direção da unidade escolar aceitou muito prontamente a nossa solicitação para o estudo de caso e a realização das entrevistas, solicitaram ainda que assim que obtivéssemos as respostas, apresentássemos os resultados finais, para assim identificarem uma nova possibilidade de intervenção a cerca do tema violência no ambiente escolar.

Ao fazer as análises, foi considerável desenvolver e identificar as situações que envolvem o *bullying*, segundo os critérios previamente organizados, com a meta em ressaltar a consistência elementar do conceito. Este trabalho tem como enfoque fornecer auxílio, tanto aos episódios de violência, quanto os maus tratos em meio aos educando no ambiente escolar, que, terá uma tradução de uma cultura moderna em que os modos de relação social têm direito a novos cuidados, em geral dos gestores da educação.

Para a coletânea dos dados utilizamos a entrevista semi-estruturada, composta por questões abertas, constituindo uma oportunidade para melhor direção da entrevista e a produção de um resultado em conexão com o material disposto.

Foi conciso agregar as entrevistas, que tem como característica o “corpus” desta pesquisa, onde houve a obrigação de seguimos às normas de pré-análise do conteúdo, composto pela: exaustividade, como intento esgotar a totalidade da comunicação, sem eliminar nada; visto que através da representatividade, foi formidável ter um respeito com o universo de professores e alunos entrevistados; em coerência com a conformidade, dos dados colhidos pautados com o tema, consistiu no alcance com a técnica igual aos documentos colhidos por uma única pessoa; além da exclusividade a uma ferramenta, concernente com a relevância das pessoas entrevistadas.

Ao escolher as perguntas, não houve nenhum critério específico, ou seja, somente introduziu-as de maneira que nos pareceu mais apropriada as nossas metas. Portanto, no transcurso das entrevistas houve uma intervenção da pesquisadora, em meio a uma melhor direção para explicar as questões. Essas entrevistas respondidas no ambiente de trabalho das educadoras, no período do intervalo das aulas ou, contudo outras foram feitas em períodos livres dentre os quais os docentes tinham disponibilidade.

Os relatos com os educadores foram realizados por telefone e, após isso agendamos as entrevistas, combinadas nas escolas onde as pessoas trabalham. A

partir desse momento, sentimos alguma dificuldade ao chegar até os professores, pelo fato da grande carga horária do professor ou, ainda pela complexidade da estrutura da escola, já que em determinados casos a minha pesquisa não tinha o conhecimento do docente sobre os meus objetivos.

Para que não houvesse risco ou desconforto dos participantes dessa pesquisa as suas identidades, como também os nomes dos alunos e professores nas entrevistas foram mantidos em segredo.

Nas entrevistas a pesquisadora teve que compreender e aprofundar o que os docentes registraram suas respostas nas perguntas abertas do questionário, isto é as mesmas tiveram a perspectiva do entendimento com a intenção de esquematizar sua posição com os mesmos sobre a violência entre os alunos e suas prováveis repercussões.

Ao colher os dados das entrevistas, nas definições recolhidas em outras referências de textos apresentados e informações de literaturas ou artigos, possuímos as condições de avaliar as respostas adquiridas, com a capacidade na obtenção de um resultado para esse estudo.

Finalizando, os resultados e debates nos mostra que, os entrevistados expuseram suas opiniões, com a finalidade de minimizar o *bullyng* no ambiente escolar, principalmente nas aulas de Educação Física.

8 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

8.1 Apresentação das respostas dos professores entrevistados

Ao começar a análise dos questionários, Início de suas funções como Professor de Educação Física?

Formei-me no ano de 2005 e comecei a dar aulas em 2006.

Já tomou conhecimento de algum tipo ou caso de violência em suas aulas?

Sim, tanto verbal quanto física.

Indique numa escala de 1 a 5 para cada ano de escolaridade o grau de incidência, sendo que (1 representa uma menor incidência e 5 uma maior incidência)

(1) 5º (1) 6º (2) 7º (2) 8º (2)9º

Qual o tipo de violência mais frequente seja ela física ou verbal da qual tenha conhecimento?

A discriminação por conta das características físicas é a mais frequente e depois o fato do aluno não ser um bom “jogador”.

Em que situações elas mais ocorrem?

Sempre em competições.

As vítimas de agressão foram do sexo masculino ou feminino?

Nas escolas públicas isto acontece em qualquer gênero, já em particulares acontece mais entre os meninos pois as meninas são a minoria e não se preocupam em participar muito das competições.

Os agressores foram do sexo masculino ou feminino?

Masculino.

Quais as medidas adotadas?

Em primeiro lugar a orientação e num segundo plano procuramos motivar os alunos a se interagirem mais sem se preocupar em ganhar ou perder, lembrando que todos tem este direito.

Questão 8 - Existem estratégias de prevenção para evitar a violência no meio escolar durante as aulas de Educação Física?

Atualmente isto vem gerando muita polêmica, uma vez que os familiares transferiram para os educadores a idéia de educar seus filhos, sendo assim, acredito que a melhor maneira seria a orientação ser vinda de casa.

Existe algum programa de intervenção conjunta com a Escola quando ocorrem tais situações de violência? Em que consiste?

Não.

O que você considera eficiente como forma de intervenção em casos como estes?

Como antes relatado, acredito que os alunos devam ser orientados desde cedo e em casa.

Apresentação das Respostas Professora II

Violência no ambiente escolar

Início de suas funções como Professor de Educação Física?

Leciono a 4 anos.

Já tomou conhecimento de algum tipo ou caso de violência em suas aulas?

Sim.

Indique numa escala de 1 a 5 para cada ano de escolaridade o grau de incidência, sendo que (1 representa uma menor incidência e 5 uma maior incidência) (3)

5º (3) 6º (3) 7º (3) 8º (3) 9º

Qual o tipo de violência mais frequente seja ela física ou verbal da qual tenha conhecimento?

O preconceito, agressões verbais às vezes até contra o professor.

Em que situações elas mais ocorrem?

Desde os jogos até em simples brincadeiras

As vítimas de agressão foram do sexo masculino ou feminino?

Infelizmente hoje em dia a violência não escolhe gênero, às vezes as meninas se mostram mais agressivas do que os meninos.

Os agressores foram do sexo masculino ou feminino?

Os dois.

Quais as medidas adotadas?

Procuro conversar com os alunos, fazer com que peçam desculpas e os deixo fora das atividades por alguns minutos, já quando o caso é mais grave mando conversarem com a direção da escola.

Existem estratégias de prevenção para evitar a violência no meio escolar durante as aulas de Educação Física?

Acredito que o diálogo é a melhor forma de intervenção.

Existe algum programa de intervenção conjunta com a Escola quando ocorrem tais situações de violência? Em que consiste?

Não, porém, quando isso ocorre procuro colocar a direção a par de tudo e se for o caso chamamos os pais.

O que você considera eficiente como forma de intervenção em casos como estes?

Os pais devem ser os maiores aliados contra qualquer situação de violência, pois muitas vezes o aluno reproduz na escola o que ele vive em casa ou em sua comunidade.

Apresentação das Respostas Professora III

Violência no ambiente escolar

Início de suas funções como Professor de Educação Física?

Me formei no ano de 2003 e comecei a dar aulas em 2004.

Já tomou conhecimento de algum tipo ou caso de violência em suas aulas?

Sim.

Indique numa escala de 1 a 5 para cada ano de escolaridade o grau de incidência, sendo que (1 representa uma menor incidência e 5 uma maior incidência) (2)

5º (4) 6º (4) 7º (4) 8º (4) 9º

Qual o tipo de violência mais frequente seja ela física ou verbal da qual tenha conhecimento?

A discriminação.

Em que situações elas mais ocorrem?

Todas situações, sejam elas dentro ou fora das quadras.

As vítimas de agressão foram do sexo masculino ou feminino?

Os dois gêneros são iguais.

Os agressores foram do sexo masculino ou feminino?

Não.

Quais as medidas adotadas?

Quando acontece algum tipo de violência física o que considero grave, chamo os alunos para conversar e deixo-os fora da atividade, quando a violência é verbal o que não deixa de ser grave, procuro orientar os alunos sobre qualquer tipo de

preconceito o que sou contra e faço com que peçam desculpas. Se o caso for adiante, chamo os pais na escola.

Existem estratégias de prevenção para evitar a violência no meio escolar durante as aulas de Educação Física?

Estratégias, eu acredito ser o diálogo e procurar dar atividades que induzam todos os alunos a participarem, sem que vise sempre o ganhador e o perdedor. Entendo também que os pais são os maiores aliados.

Existe algum programa de intervenção conjunta com a Escola quando ocorrem tais situações de violência? Em que consiste?

Apesar das escolas serem totalmente contra qualquer tipo de violência, a única coisa que eles podem nos oferecer é o respaldo para corrigir esse alunos. Fora isto, não existe nenhum programa.

O que você considera eficiente como forma de intervenção em casos como estes?

Acredito que o aluno reproduz o que ele vive em seu dia a dia, sendo assim, o alicerce (família) é uma ferramenta muito importante, lembrando que devemos estar sempre instigando os alunos a saberem mais sobre o tema violência e suas consequências.

8.2 Apresentação das respostas dos alunos

Quanto aos alunos entrevistados, percebemos que o *bullying* pode causar danos no interesse das vítimas pelos estudos, pois são comportamentos, que prejudicam de forma direta na motivação da vítima, debilitando seu estímulo no desenvolvimento no âmbito escolar.

Ao serem questionados sobre o conhecimento do significado da palavra *bullying*, o aluno A disse que sim, quando a brincadeira perde a graça, o aluno B e F, responderam que sim, é violência contra as pessoas, e os alunos C e D, relataram

que sim, é quando um colega briga com o outro, o aluno E e G, respondeu que sim, mas não opinou sobre o significado, e o aluno F explicou, que sim, o bullying é a violência contra os alunos.

Ao serem analisados sobre se já tinha sofrido algum tipo de violência durante as aulas de Educação Física, os alunos A e E, afirmou que não, porém o aluno B apontou que sim, porque sou muito bom de futebol, daí eles não gostam de me chamar para o time, o aluno C, relatou que nunca teve agressões na escola. A aluna D, mencionou que sim, quando era goleira no handebol e perdemos o jogo, daí minhas colegas falaram pra todo mundo que tinham perdido o jogo por minha culpa, porque eu era mole. Em concordância com as respostas, o aluno F, confirma que “não gosto muito de esportes e quando o professor faz a gente participar, a turma não gosta quando eu erro, às vezes nem vou à educação física porque eu não quero jogar”. E o aluno G, garantiu que sim, eles falam que “eu sou lerdo e não gostam quando eu entro pra jogar”.

Observou-se que, segundo os respondentes da questão: “se você já presenciou algum tipo de violência contra algum colega de classe durante as aulas de Educação Física? Relate como ocorreu”, o aluno A, mencionou que sim, um colega deu uma “bolada” no outro em um jogo de futebol de salão porque um pisou no pé do outro sem querer. O aluno B destacou que sim, minha colega é muito gorda, daí ela veio no primeiro dia de aula, mas os alunos ficaram cochichando a respeito dela, daí ela nunca mais veio nas aulas e sua mãe foi chamada na escola. O aluno C, apresentou que sim, eles estão sempre brigando durante as atividades, os mais fortes sempre leva a melhor, assim, o aluno D, garantiu que sim, tem umas meninas que querem bater em todo o mundo e às vezes nem tem motivo, e para o aluno E, “eu mesmo briguei com um menino e fomos para diretoria”. Por fim o aluno F, já presenciou práticas do bullying, mas nem sabiam que minha amiga era boa de vôlei, só que ela era gorda, daí eles não deixaram ela jogar no time deles. A respeito desta questão, para o aluno G, “tivemos que fazer apresentação de dança e eu e meu amigo não fomos escolhidos para dançar, só para ser figurante”.

Em vista disso, ao questionar qual a reação em tais situações, o aluno A e C citaram na entrevista que “sim, dou risadas, mas saio para ver se meu colega está bem”. Neste sentido, observa-se a resposta do aluno B, “quando a pessoa é minha amiga ou amigo fico triste, mas não me meto nunca”. Entretanto, o aluno D, as

palavras dessa aluno: “conto para o professor”. Dentre os respondentes, o aluno E, “se me xingar eu xingo também, se me bater eu bato também”. Com relação ao aluno F, descreveu que não fala nada: “Eu odeio Educação Física por causa disso”. O aluno G, explica que “nem conto pra ele”.

Segundo os entrevistados, ao comentar sobre como seu professor reage perante as situações de violência durante as aulas de Educação Física, o aluno A e E, o educador conversa com o aluno e coloca ele pra fora da atividade. Com isso fica claro que para o aluno B, o professor é muito legal, todo mundo gosta dele, ele conversa com os colegas e deixa eles de castigo. O aluno C, o professor separa os alunos, nessa conjuntura, o aluno D, o educador fala com as meninas e se elas continuarem ele as tira do jogo. Na realidade, o aluno F, conta que o professor não fala nada, só manda escolher os times. Na visão do aluno G, nem conto pra ele.

Aqui, reforçando a hipótese anterior da repetição dos atos de *bullying*, a questão aborda se tem medo de participar das aulas de Educação Física por conta da atitude de alguns colegas. Os alunos A, C, D, E responderam que não, “porque eu gosto muito das aulas de Educação Física”. O aluno B, “já tive, hoje não tenho mais”. O aluno E, enfatiza que sim.

O resultado da questão na qual se pergunta “pela forma de como ocorre situações em que você se sente agredido, você relata aos seus pais?” Como eles reagem. Os alunos A, B, F e G, narram: não, o aluno B, revelou que às vezes. Entretanto, o aluno C, confirmou que: “Conto pra minha mãe e ela sempre quer saber como foi que aconteceu, ela diz pra mim ficar longe das brigas”. A partir disso, o aluno D, disse que sim. “Meus pais não gostam nada disto e sempre perguntam se alguém se machucou”.

Ao questionarmos às vítimas se você já foi o autor de alguma situação de agressividade contra algum colega? Como ocorreu, um aluno respondeu: “Sim. A bola do jogo (futebol salão) era do meu time, meu colega achou que era dele, daí eu empurrei ele, sendo que o mesmo tentou me agredir, mas como eu era bem maior ele saiu perdendo”. O aluno B, destacou que Para “falar a verdade sim, ele me xingou e disse que eu era muito mole, daí eu chutei ele”. O aluno C, admitiu que “já chamei meu colega de negão”. Em síntese, os alunos D, E, F e G, garantiram nunca ter praticado o *bullying*. Mas o aluno E, disse que sim, muitas vezes. “Eles não sabem jogar daí eu fico nervoso”.

Diante desses problemas demonstrados neste trabalho, o bullying é um tipo de “brincadeira”, na qual não deve ser encarado pelos funcionários do colégio e, além disso, mesmo dos pais dos alunos que são vítimas dessas agressões, considerado como algo comum e corriqueiro na escolar. É importante ter plena consciência de que um Psicólogo ou um profissional da saúde não necessita ser convocado se o fenômeno for impedido ao máximo.

É provável que ao introduzir, determinadas com o uso de medidas são importantes para diagnosticar, prevenir, combater e tratamento do *bullying*. O trecho a seguir em sua opinião, o que deveria ser feito para que situações como estas não mais acontecessem dentro das aulas:

Para o aluno A, é preciso ter um juiz porque o professor nem sempre vê tudo. A expectativa do aluno B, diante desta problema afirmou ser importante quem seus colegas deveriam entender que nem todo mundo joga bem ou é bom em tudo, e também acho que os pais deles não ensinam eles direito.

O aluno C, não sei, mas de acordo com a posição do aluno D, é primordial tirar as pessoas que sempre cometem estes atos. Assim sendo, o aluno E, é fundamental jogar os meninos que sabem separado dos que não sabem jogar.

Na resposta do aluno F, acho que nem tem jeito, eles vão ser sempre assim, mas quando eu estudava em outra escola, o professor de Educação Física dava umas brincadeiras que todo mundo participava e não tinha brigas, todo mundo brincava e achava muito legal. E para o aluno F, todo mundo devia jogar junto e brincar junto, porque a aula de Educação Física pode ser muito legal.

Os pais têm como meta fazer o diagnóstico avaliando o comportamento dos seus filhos em casa. Por esse fato, Cidade (2008) aponta que os filhos podem estar sendo vítimas de *bullying* se apresentarem falta de vontade ou receio de ir à escola, ou a criança solicita que os pais as trocam de colégio, diminuindo o rendimento nas aulas, voltar da escola permanentemente com as roupas ou livros rasgados passam a ser uma pessoa fechada e viver isolado, com sentimentos de angústia ou depressão, e perde frequentemente dinheiro e bens, e torna-se um indivíduo de baixa auto-estima, acompanhada com pesadelos.

É importante ressaltar também que, quando estão jogando entre meninos e meninas as agressividades ocorrem da mesma forma, o aluno A, pronunciou que quando é jogo que as meninas estão no mesmo time das meninas a gente chega

forte nos meninos e deixa as meninas de lado. Mas no normal com meninas só pega- pega. Desta forma, o aluno B, expos que É difícil as meninas participarem, vejo que isto acontece mais entre os meninos, quando acontece com elas a gente está sempre jogando e não vê. Sobre essa ótica, para o aluno C, não, quando as meninas estão jogado com a gente, eu procuro não chutar forte, mas tem alguns colegas que chutam. O aluno D, disse que sim, as vezes as meninas até agredem os meninos mais fracos. Na maioria das vezes essas condutas, conforme o aluno E, surgem sim, porque tem meninas que jogam melhor que os meninos. O aluno F e G, confirmou que sim, a agressividade ocorre tanto em meio as meninas, quanto entre os meninos.

Segundo pesquisa publicada no mês de abril de 2010 pela ONG Plan Brasil, cerca de um terço dos alunos entre a 5ª e 8ª séries do primeiro grau já passaram pelo transtorno do *bullying* e sofreram maus tratos, mas, sobretudo, esta mesma investigação destaca que 28% dos 5.168 estudantes entrevistados foram agredidos por algum tipo de agressão no ano de 2009, onde os mais atingidos, foram alunos do sexo masculino, com 12,5% após disso, 7,6% das meninas sofreram na sala de aula, um local acusada como de preferência para agressões aonde ocorrem 50% dos casos. (GIRARDI, 2011).

Em seguida, perguntou aos respondentes se você já deixou de ser escolhido para um time por ter acharem um “mal” jogador. O aluno A, C, E e G, responderam: não, o aluno B, indagou que não, mas já fui o último a ser escolhido. A partir desta contextualização, o aluno D, Não, mas não sou uma das primeiras a ser escolhidas. O aluno F, explicou que sim, e o aluno G, proferiu que sim.

Finalizando, ao serem questionados acerca de que já deixou de escolher algum colega para entrar em seu time por conta da falta de habilidade dele ou por conta da sua condição física? O aluno A, procurou responder que sim. Mas normalmente escolho os “bons” primeiro e deixo os “ruins” para o final. A opinião do aluno B fundamentou-se em dizer: Nunca escolhi os times. O fato é que o aluno C, respondeu que sim. Mas o aluno D, certificou que é muito difícil eu escolher, sempre quem escolhe são as que jogam melhor, mas quando eu escolhi, chamei minhas amigas primeiro porque elas não brigam. Percebe-se que, o aluno E, sim. Pego os meninos que jogam bem. Para o aluno F e G, não deixou de escolher um amigo perante sua falta de habilidade.

CONCLUSÃO

Nota-se que apesar de termos diversas definições para o termo *bullyng*, todas demonstram um sentido negativo e que sofre variações, sendo assim um ato de violência não se define por si, mas no contexto em que ela ocorre. Porém, de maneira geral, é algo depreciável. Cabe a nós como futuros educadores o dever de buscar tentativas de nos integrarmos quanto ao problema, tentando ao menos trazer alternativas e propostas para que a redução desta incivildade tenha um futuro promissor no que diz respeito ao processo de aprendizagem e educação, lembrando que a violência é um dos fatores que acarreta a evasão escolar e desestimula as perspectivas do professor quando este é a própria vítima.

Neste propósito acreditamos que a ação dos pais para uma intervenção psicológica e educativa deveria acontecer essencialmente nos primeiros anos de vida, uma vez que se não conseguirem administrar bem esta fase, será quase impossível apoiar seus filhos futuramente na formação do caráter. O vínculo entre pais e filhos é essencial para que haja uma relação de confiança e transparência, podendo contribuir com uma aprendizagem satisfatória.

Sabemos que muitos são os casos de agressões dentro do próprio lar, o que gera desestrutura familiar e desequilíbrio psíquico na criança. A mídia nos revela dia a dia casos que chocam a sociedade e este é mais um motivo para que os educadores e instituições estejam preparados para tentar orientar, estimular e favorecer o crescimento do educando.

Estas são somente mais umas amostras de que devemos plantar em nossos corações e nos corações dos nossos alunos, a semente da paz, a descoberta da solidariedade, da tolerância, do respeito mútuo para vivermos numa sociedade mais pacífica e justa.

Refletir o problema da violência nesta comunidade, e, sobretudo, da violência irracional na instituição escolar, levado em conta como um dos grandes responsáveis pela socialização das crianças, e, outro ambiente de convívio depois do familiar, é um assunto importante e urgente. As razões são inúmeras no que tange às decorrências individuais vinculadas ao sofrimento psíquico e à não adequação.

Ao mencionarmos o tema na instituição escolar, entendemos que falta investimento nos profissionais no Ensino relacionado ao suporte instrutivo para tal intervenção e desempenho nas classes, além da assistência para estes profissionais que encaram esses e outros procedimentos de violência na escola. Assim, essa falta de atendimento pode afetar o rendimento profissional, pela carência de ferramentas próprias contra este enfrentamento.

É importante salientar que as repercussões do *bullying* na saúde das vítimas, já que a opinião ampliada de saúde aponta os aspectos determinantes e condicionantes para a característica de vida das pessoas. A veemência se relaciona com a saúde por ser um dos aspectos que incentivam ou podem até mesmo vir a provocar agravos à saúde ou qualidade de vida dos sujeitos, nesta conjuntura o *bullying* pode desempenhar diferentes mudanças e sofrimento em crianças e adolescentes, sejam os mesmos, emocional, moral ou, até mesmo físico.

É inviável não nos atermos no papel que a instituição exerce frente a estas questões, porém são poucas as que efetivamente cumprem esse papel, com a meta de promover os conteúdos educacionais comuns ou tradicionais como base, mas também se engajar numa proposta inovadora que faça com que os alunos aprendam além do ler e escrever a se uns com os outros, respeitando os valores e crenças que cada um traz do seu senso comum relacionar e desenvolver seu senso crítico, auto estima e segurança.

No entanto, estas seriam apenas uma das ferramentas para ser trabalhado o relacionamento interpessoal, uma vez que a questão é de grande complexidade e envolvem diversos fatores sociais, o que não podemos é lavar nossas mãos e atribuir à culpa a terceiros, pois todos nos futuros professores podemos contribuir fielmente com as crises de violência, aprendendo e nos capacitando para mediar conflitos e ensinar conteúdos, repensando em nosso próprio relacionamento com nossos alunos.

A única forma de eliminar esse tipo de método é a cooperação por parte de todos os envolvidos: educadores, funcionários, discentes e pais: “Todos devem estar conforme o compromisso de que o *bullying* não será mais admitido”. As estratégias empregadas devem ser conceituadas em cada instituição escolar, observando-se suas particularidades e as de sua população. O estímulo ao protagonismo dos

alunos, possibilitando sua participação nas escolhas e no desempenho do projeto, é uma garantia maior de sucesso.

Acredito que não é sonho imaginar a escola com profissionais capacitados para enfrentar situações de violência, algumas já até possuem em seu quadro muitos educadores qualificados, no entanto, este é um caminho que ao ser traçado todos nós professores e futuros professores devemos saber das dificuldades e estratégias a serem usadas, e o importante é não deixarmos de acreditar que é possível construir uma escola que seja capaz de lidar com todas as situações que envolvem seus alunos, especialmente no que diz respeito a violência dentro das aulas de Educação Física.

Este tema ainda é um tabu para algumas escolas que muitas vezes não querem entrar em tal temática de orientação, embora estejam presentes no dia a dia deste ambiente e nem sempre o professor possui orientação para como fazê-lo, ou às vezes nem se interessa em procurar soluções para o tema abordado, uma vez que, são acomodados e não planejam suas aulas de uma maneira que faça com que seus alunos interajam sem ter que competir uns com os outros. Os pais são sim responsáveis pelo que o seu filho reproduz na escola.

O aumento da violência e da agressividade entre as crianças durante as aulas de Educação Física começam a se tornar visíveis. Dentro do mesmo ambiente nota-se, também, um exacerbado aumento do individualismo e da competição, corroborando para uma falta de atitudes e condutas de companheirismo e de cooperação e diante das entrevistas e observações realizadas, pode-se notar que poucas ações estão sendo tomadas para que este quadro se reverta.

Na escola, professores e alunos relatam o aumento da agressividade e da violência, que são, em muitos casos, utilizados para promover atos de exclusão e marginalização de crianças que não conseguem interagir dentro de grupos específicos. Esta deficiência no processo de inclusão pode ser provocada por características individuais ou sociais de certos alunos e acreditamos que além da família, o professor também ocupa grande papel dentro de suas aulas uma vez que, os jogos cooperativos podem ser vistos também como uma forma de amenizar as competições que ao que parece é o gerador das atitudes de agressividade.

Pela sua função educativa, o professor de Educação Física, tem o compromisso de difundir valores positivos para que seus alunos entendam que a

verdadeira vitória não necessariamente depende da derrota dos outros e que o fundamental é a oportunidade de se desenvolverem, através do mútuo conhecimento e da compreensão das habilidades e potenciais de cada um, para que todos tenham importantes papéis na realização das tarefas conjuntas.

Através de uma nova ressignificação desta temática, propõe-se que novas condutas sejam tomadas, em toda área da educação, mas, especialmente na Educação Física, para que os futuros professores possam transcender a mera função de transmissão do conhecimento, assim como já dizia Paulo Freire, visando a uma nova dimensão de ações pedagógicas e educativas, capazes de homologar seu compromisso e seu papel social.

Como pudemos observar diante das entrevistas realizadas, fica claro que dentre os professores que lecionam há praticamente o mesmo tempo, já vivenciaram situações de violência em suas aulas, sejam elas físicas ou verbais e tais situações ocorrem desde o 5º ano até o 9º quase na mesma escala. Vimos também que o preconceito impera dentre as motivações para atitudes de violência, sendo por conta da condição física do aluno ou até por cor da pele (etnia).

As situações podem ser vistas dentro e fora de quadra, ou seja, quando o aluno leva o acontecimento para a sala de aula e até para a direção da escola e familiares.

Também pode-se observar que a violência nas aulas de Educação Física, não escolhe gêneros, ou seja, meninos e meninas estão sendo protagonistas de situações de agressividade durante as atividades e os professores são unânimes em dizer que a família deveria ser o alicerce para que situações como estas não ocorressem dentro do ambiente escolar, uma vez que, muitos pais terceirizaram a educação dos seus filhos para a escola que, por sua vez, não consegue devolver tal responsabilidade para família.

Quanto às medidas a serem tomadas, fica claro que o diálogo é o que eles mais utilizam, sendo o “castigo” outra forma de conter tais situações. Contudo, nos três casos dos professores entrevistados, não existe nenhum programa junto à escola que combata a violência, além do respaldo da direção.

Por último podemos verificar que os professores acreditam que como forma de intervenção a família deveria estar em primeiro plano, visto que, os

mesmos acreditam que o aluno reproduz na escola e nas aulas de Educação Física o que eles vivenciam em suas casas.

Percebemos que a maioria dos alunos sabe o significado da palavra *bullying* mesmo que expressando com suas próprias palavras, e já sofreram ou vivenciaram com outros colegas. Quando perguntados sobre como presenciaram, a maioria disse que a agressividade foi por conta da falta de habilidade de algum dos colegas ou por conta de sua condição física, sendo que a maioria não interfere quando acontecem tais situações.

O fato de serem meninos ou meninas não influenciou nas atitudes, pois, ambos os sexos são causadores ou vítimas da violência durante as aulas, lembrando que eles relatam às vezes serem as meninas mais fortes que os meninos.

No que se refere à atitude do professor perante aos acontecimentos de violência, fica claro que os mesmos utilizam o diálogo num primeiro momento, vindo como “castigo” à retirada dos alunos envolvidos das atividades e isto quando o professor consegue ficar a par, pois em alguns casos nem toma conhecimento.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Deborah. Christina; ZUIN, Antônio. Álvaro. Soares. Do bullying ao bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicol. Soc. vol.20 no.1** Porto Alegre Jan./Apr. 2008. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822008000100004&script=sci_arttext>Acesso em: 2 ago. 2012.

ARENDDT, H. **Sobre violência**. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 1973.

ARRIETA, Gricelda. Azevedo. **A violência na escola: a violência na contemporaneidade e seus reflexos na escola**. Canoas: Ed. Ulbra, 2000.

BARCELOS, Ana. Maria. Ferreira. **Crenças sobre aprendizagem de línguas, lingüística aplicada e ensino de línguas**, 2004. Disponível em:< <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/download/217/184>.>Acesso em: 4 ago. 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**, volume 7, 3 ed., 2001, Brasília.

_____. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em:< http://www.observatoriodainfancia.com.br/printMateria.php3?id_article=1286>Acesso em: 7ago. 2012.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parametros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 8. Disponível em:< <http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/TCC%20Luciana%20Pa van%20-%20Final.pdf>.>Acesso em: 10 ago. 2012.

_____. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/civil_03/Constituicao/Co Constitui%C3%A7ao.htm.>Acesso em: 13 ago. 2012.

BISPO, Patrícia. **O desenvolvimento humano através de crenças, atitudes e valores**. Disponível em:< <http://www.rh.com.br/Portal/Desenvolvimento/Entre vista/7783/o-desenvolvimento-humano-atraves-de-crencasatitudes-valores.htm valores.html>.>Acesso em: 15 ago. 2012.

CIDADE, A. P. S. **Bullying escolar – uma realidade ainda desconhecida**. Brasília: UDF. Trabalho de Conclusão de Curso, 2008. Disponível em:< http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/XVII_CONBRACE/2011/paper/viewFile/3084/1421.>Ac esso em: 17 ago. 2012.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: com os sociólogos franceses abordam essa questão.** Sociologias, Porto Alegre, ano 4, n. 8, jul/dez,. 2002. Traduzido do original em Frances por Sonia Taborda.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** (8a ed.). São Paulo: Cortez, 2006.

CALIMAN, Geraldo. **Estudantes em situação de risco e prevenção.** Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação v. 14 nº 52. Rio de Janeiro jul./ set. 2006.

CASTRO BARBO, Maria. Aparecida. de. **Influência das crenças do professor de língua inglesa sobre o aprendizado.** Disponível em:< http://www.cce.ufsc.br/~clafpl/~clafpl/23_MariaACastro_Barbo.pdf. >Acesso em: 18 ago. 2012.

CASTILHO, Sueli. **Violência:** último refúgio do incompetente. Disponível em:< <http://www.gp1.com.br/blogs/violencia-ultimo-refugio-do-incompetente5729.html>>Acesso em: 21 ago. 2012.

CRECHE PASTOR FRANCISCO MIRANDA. **A declaração dos direitos da criança.** Disponível em:< <http://www.adbrasil.com.br/creche/>>Acesso em: 23 ago. 2012.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto (2a ed., L. de O. Rocha, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 2003), 2007.

D'ANGELO, Rafael. **Lei torna obrigatória a notificação de casos de bullying no Rio.** Reportagem publicada em 23/09/2010. Disponível em:<www.observatoriodainfancia.com.br>Acesso em: 26 ago. 2012.

DEWEY, J. How we think. Lexington: D. C. Health and Company, 1933.

FABIS, Camila. da. Silva et al. **Identificando e enfrentado o bullying nas escolas públicas privadas de POA através de Círculos Restaurativo.** Faculdade de Serviço Social, X Salão de Iniciação Científica - PUCRS, 2860-2863, 2009.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying** – como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas – SP. Verus Editora; 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. 36ª Ed. Editora Paz e Guerra, 2000.

FERREIRA, Taiza. Ramos. de. Souza C; SILVA, Tatiane. Tavares. da. **Bullyng como subtipo de violência no âmbito escolar e suas repercussões no campo da saúde e do direito**, 2011. Disponível em:<http://www.observatorio.dainfancia.com.br/article.php3?id_article=1286>Acesso em: 29 ago. 2012.

FIOCRUZ. **A declaração dos direitos da criança**. Disponível em:< www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/direitodacrianca.htm - 12k ->Acesso em: 2 set. 2012.

FRANÇA, Mariana. **Crenças**, 2009. Disponível em:< <http://www.artigonal.com/autoajuda-artigos/crencas-839383.html>>Acesso em: 5 set. 2012.

GALL, Rebeca. Lourença. **Possíveis mediações do supervisor escolar frente ao bullyng**, 2012. Disponível em:< http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T207341.pdf>Acesso em: 6 set. 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1988.

GIRARDI, Marcelo. **A omissão escolar frente aos atos de bullyng**, 2011. Disponível em:< <http://www.ocaraterconta.blogspot.com.br>>Acesso em: 9 set. 2012.

GOMES, Ana. Elizabeth. Gondim; RESENDE, Luciana. Krauss. **Reflexões sobre bullyng na realidade brasileira utilizando a técnica da análise de conteúdo: revisão**, 2011. Disponível em:< http://www.mackenzie.br/fileadming/Graduacao/CCBS/PosGraduacao/Docs/Cadernos/Volume_11/Gomes_e_Rezende_v_11_n_1_2011.pdf>Acesso em: 10 set. 2012.

GONÇALVES, Leonardo. R. SCHEUER, Luciane; ALBACH, Valéria. De. Meira. **Francis Bacon e René Descartes e suas contribuições para o estudo da Geografia da natureza**. Disponível em:< http://egal2009.easyplanners.info/ae rea03/3_231_Goncalves_Leonardo_Ravaglia_Ferreira.pdf. >Acesso em: 13set. 2012.

KIPNIS, B.; et al. **Elementos do processo de pesquisa em esporte escolar: monografia/ Bernardo Kipnis e Ana Cristina de David. – 1ª Ed. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, 2005.**

LEANDRO, Vera. Lucia. Damacena. **Bullyng no âmbito escolar**. Disponível em:< <http://www.pedagogiaaopedaletra.com/posts/bullying-no-ambiente-escolar/>>Acesso em: 17 set. 2012.

LENA, Ana. Amélia. Marcondes. **Educação física e a disciplina cultura de paz nas escolas municipais da cidade de Barretos.** Disponível em:< <http://anaameliamarcondesleiva-academica.blogspot.com.br/2012/05/educacao-fisica-e-disciplinacultura-de.html>>Acesso em: 20 set. 2012.

LOBO, L. **Escola de pais.** 2 ed. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997.

LÜDK, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MEDEIROS, Renato. Tonay. **Drogas.** Disponível em:< <http://www.ebah.com.br/content/ABAAA5zAAK/drogas>>Acesso em: 22 set. 2012.

MENDONÇA, Camila. **Justiça é quem decide quem paga pelo bullying.** Blog Gomes Siqueira. Disponível em:< <http://gomessiqueira1.tempsite.ws/blog/?p=297>>Acesso em: 23 set. 2012.

MARCHESI, A. **O que será de nós, os maus alunos?**.Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Ed Artmed, 2006, 192 p.

MARQUES, A.; DRAPER, D. **Dicionário inglês português/português inglês.** 15. ed. São Paulo: Ática, 1996.

MALTA, Deborah. Carvalho. et al. **Bullying nas escolas brasileiras:** resultados da Pesquisa Nacional de saúde do escolar (PENSE), 2009. Ciência e Saúde Coletiva vol. 15 supl. 2. Rio de Janeiro: out. 2010.

MORAIS, Regis. **O que é violência urbana.** 1. Ed. São Paulo: Brasiliense. Coleção Primeiros Passos, 1983.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: UNESCO/Cortez, 2002.

NETO, Aramis A. L. **Diga não ao bullying.** 5 ed. Rio de Janeiro, ABRAPIA, 2004. Disponível em:<<http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/TCC%20Luciana%20Pavan%20-%20Final.pdf>.>Acesso em: 23 set. 2012.

_____. **Bullying** - comportamento agressivo entre estudantes. Jornal de Pediatria. Vol. 81 nº 5 suppl. 0. Porto alegre: Nov. 2005. Disponível em:< www.observatorioda infancia.com.br>Acesso em: 26 set. 2012.

OLIVEIRA, Carla. Pereira de. O papel dos estudos sobre crenças na formação do professor de LE. **Signo. Santa Cruz do Sul, v. 35 n. especial**, p. 242-262, jul.-dez. Disponível em:< http://online.unisc.br/seer/index.php/sig_no/article/view/1342/1213.> Acesso em: 28 set. 2012.

OLIVEIRA, Mariana. Cristina de; CAMPOS, Luiz. Antônio. Silva. A violência e agressividade na escola. Análise pelo ponto de vista do professor de Educação Física. **Revista Digital. Buenos Aires, Año 16, Nº 159**, Agosto de 2011. Disponível em:< <http://www.efdeportes.com>> Acesso em: 30 set. 2012.

PEDRA, José. Augusto – **Bullying escolar** – perguntas e respostas; Ed. Artmed, 2008. Disponível em:< http://www.pedagogiaaopedaleta.com/posts_/bullying-no-ambiente-escolar/> Acesso em: 2 out. 2012.

PERRENOUD, P. **Novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

RESENDE, Helder G.; SOARES, Antonio. J. G. **Elementos constitutivos de uma proposta curricular para o ensino-aprendizagem da Educação Física na escola: um estudo de caso**. Perspectivas em Educação Física Escolar. Niterói-RJ, EDUFF, v.1, mar, 1997.

REVISTA NOVA ESCOLA. **Cyberbullying**. Ano XXV. Nº 233. junho-julho 2010.

ROUANET, S. P. **Teoria, crítica e Psicanálise**. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 1998.

SAYÃO, Yara; BACK, Silvio. Duarte. **Gênero na escola**, 2002. Disponível em:<http://www.educared.org/educa/index.cfm?pg=oassuntoe.interna&id_tema=8&id_subtema=7&cd_area_atv=2> Acesso em: /> Acesso em: 3 out. 2012.

SAMPA ON LINE. **Os direitos da criança**. Disponível em:< http://www.sampaonline.com.br/especiais/os_direitos_da_crianca.htm> Aces o em: 24 set. 2012.

SANTOS, Luciana. Pavan. Ribeiro. dos. **O papel do professor diante do bullying na sala de aula**, 2007. Disponível em:< <http://www.fc.unesp.br/uplo ad/pedagogia/TC%20Luciana%20Pavan%20-%20Final.pdf>> Acesso em: 5 out. 2012.

SANTOS, Marcos. G. dos; SILVA, Uesnei. Cleiton. da. **PROERT**. Disponível em:< <http://adaomarcos.blogspot.com.br/2011/08/pl-ordinaria-n-0312011dispoesobre.html>> Acesso em: 7 out. 2012.

SILVA, Odonei. Aparecida. Bezerra. da. **Relacionamento professor-aluno: um desafio para o educador pós-moderno**, 2002. Disponível em:< http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/relacionamento_professor_aluno.pdf. >Acesso em: 8 out. 2012.

SOIFER, R. **Psicodinamismos da criança com a família**. Petrópolis: Vozes, 1983.

SPOSITO, P. **A instituição escolar e violência**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em:< http://www.congressods.com.br/segundo/images/trabalhos/praticas_escolares/lzailton%20Fernandes.pdf.>Acesso em: 9 out. 2012.

STAINBACK, William e Susan. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

THOMAS, J.; NELSON, K. **Método de pesquisa em atividade física**. Traduzido por Ricardo Pertersen et al. 3 ed., Porto Alegre: Artimed, 2002

TORO, Giovana. Vidotto Roman; NEVES, Anamaria. Silva; REZENDE, Cristina. Medeiros. Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social,. **Psicol. teor. prat. vol.12 no.1** São Paulo 2010. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=Spid=S151636872010000100011&script=sci_arttext.>Acesso em: 10 out. 2012.

VALLE, Luiza. I. Elena; MATTOS, Ribeiro. do Valle. **Violência e educação: a sociedade criando alternativas**. Rio de Janeiro; Wak Editora, 2011.

VENTURA, Mirian. **Direitos reprodutivos no Brasil**. São Paulo: M. Ventura, 2002.

WASELFISZ, J. **Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília**. Brasília: UNESCO, 1998.

ANEXOS

ANEXO A

QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS PROFESSORES

Professor I

Violência no ambiente escolar

- 1- Início de suas funções como Professor de Educação Física?
- 2- Já tomou conhecimento de algum tipo ou caso de violência em suas aulas?
- 3- Indique numa escala de 1 a 5 para cada ano de escolaridade o grau de incidência, sendo que (1 representa uma menor incidência e 5 uma maior incidência) (1) 5º (1) 6º (2) 7º (2) 8º (2)9º
- 4- Qual o tipo de violência mais frequente seja ela física ou verbal da qual tenha conhecimento?
- 5- Em que situações elas mais ocorrem?
- 6- As vítimas de agressão foram do sexo masculino ou feminino?
- 7- Os agressores foram do sexo masculino ou feminino?
- 8- Quais as medidas adotadas?
- 9- Existem estratégias de prevenção para evitar a violência no meio escolar durante as aulas de Educação Física?

10- Existe algum programa de intervenção conjunta com a Escola quando ocorrem tais situações de violência? Em que consiste?

11- O que você considera eficiente como forma de intervenção em casos como estes?

ANEXO B

QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS ALUNOS

Violência no Ambiente Escolar durante as aulas de Educação Física

Aluno I

- 1- Você conhece o significado da palavra Bullying?
- 2- Você já sofreu algum tipo de violência durante as aulas de Educação Física? Relate como ocorreu.
- 3- Você já presenciou algum tipo de violência contra algum colega de classe durante as aulas de Educação Física? Relate como ocorreu.
- 4- Como você reage em tais situações?
- 5- Como seu professor reage perante as situações de violência durante as aulas de Educação Física?
- 6- Você tem medo de participar das aulas de Educação Física por conta da atitude de alguns colegas?
- 7- Quando ocorre situações em que você se sente agredido, você relata aos seus pais? Como eles reagem?
- 8- Você já foi o autor de alguma situação de agressividade contra algum colega? Como ocorreu?
- 9- Na sua opinião, o que deveria ser feito para que situações como estas não mais acontecessem dentro das aulas?

10- Quando estão jogando entre meninos e meninas as agressividades ocorrem da mesma forma?

11- Você já deixou de ser escolhido para um time por ter acharem um “mal” jogador?

12- Você já deixou de escolher algum colega para entrar em seu time por conta da falta de habilidade dele ou por conta da sua condição física?